

APARECIDA DA GLÓRIA AISSAR

NATALIDADE E MORTALIDADE EM FRANÇA:
Estudo de Demografia histórica
(1800-1850)

.. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Doutor em Ciências.

SÃO PAULO
- 1980 -

S U M Á R I O

Páginas

<u>INTRODUÇÃO</u>	4
-------------------------	---

PARTE PRIMEIRA

FRANCA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Capítulo 1 - Franca em sua região.....	11
Capítulo 2 - O contexto histórico	16
Capítulo 3 - Franca na conjuntura médica do Brasil (1800-1850).....	22

PARTE SEGUNDA

NATALIDADE EM FRANCA

Capítulo 1 - A natalidade livre	29
Capítulo 2 - A natalidade escrava	42
Capítulo 3 - Análise comparativa da população escrava e livre	47

PARTE TERCEIRA

MORTALIDADE EM FRANCA

Capítulo 1 - Da população livre	57
Capítulo 2 - Da população escrava	76
Capítulo 3 - Análise comparativa da população escrava e livre	84

PARTE QUARTA

NATALIDADE E MORTALIDADE EM FRANÇA

Capítulo 1 - Natalidade e mortalidade livre	102
Capítulo 2 - Natalidade e mortalidade escrava	116
Capítulo 3 - Análise comparativa entre a natalidade e a mortalidade escrava e livre	121
CONCLUSÕES	137
ANEXOS.....	141
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	154
FONTES E BIBLIOGRAFIA	157

I N T R O D U Ç Ã O

A proposição primeira deste trabalho rende-se ao conhecimento de alguns aspectos da Demografia Histórica da então Freguesia e depois Vila Franca, através do estudo da natalidade e da mortalidade. É uma tentativa de compreensão da realidade profunda das estruturas e dos movimentos da população, numa visão histórica ainda pouco explorada. As técnicas específicas de pesquisa e a posição metodológica levam à reflexão principalmente das convergentes econômicas e sociais do fato histórico investigado através de eventos demográficos.

As fontes manuscritas desta tese são os registros paroquiais existentes, em séries anuais, no Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca. Trata-se de assentos de batismos e de registros de óbitos.

Na tentativa de elaboração de uma análise apoiada num maior rigor científico, foram consultadas e trabalhadas outras fontes manuscritas por considerar-se necessárias:

- Livro de casamentos - encontrados na mesma Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca;
- Maços de População da Vila de Mogi Mirim e Franca - existentes no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo.

Decorrente da possibilidade de enriquecimento das informações, foram ainda pesquisados: Relatórios Imperiais referentes ao período de 1833 a 1850 e - Relatórios de Presidentes da Província e do Estado, de 1889 e 1916. Trata-se de documentação impressa, encontrada no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo e que contém informações de interesse ao presente estudo.

A tentativa da elaboração de uma estatística

tica paroquial em Franca deu-se precisamente no princípio do século XIX (1800). Esta foi a imposição primeira para que se determinasse o limite cronológico selecionado para o início deste estudo. Considerou-se ainda, a importância de condicionamentos sócio-econômicos surgidos pela superação da exploração aurífera das Minas Gerais que se verificou a esse tempo.

O limite máximo - final da primeira metade do século XIX-(1850) foi escolhido por uma questão metodológica, porque encerra um período de tempo suficiente à análise de fenômenos demográficos.

Envolvendo dados de população, este trabalho soma-se a alguns outros na intenção de um fortalecimento da historiografia brasileira naquilo que se refere a demografia histórica.

Pretende-se de modo científico demonstrar, na elaboração desta tese, os diferenciais da natalidade e mortalidade em Franca, no decurso daquele período 1800/1850.

Tendo em vista os elementos reunidos e trabalhados - fontes manuscritas e impressas - deseja-se, outrossim, comprovar que a dinâmica da natalidade interferiu, numa fase de meio século, no quadro histórico da demografia regional.

A reflexão sobre a natalidade e mortalidade em Franca e sua relação com o momento histórico e sócio-econômico, justifica-se mais uma vez, não apenas para um conhecimento melhor da situação vigente no passado, mas também para comparações com outras situações.

Os dados brutos receberam tratamento advindo de uma metodologia própria da Demografia Histórica, já aplicada em Franca, e outros países.

A realidade brasileira exige adaptações de procedimentos às circunstâncias que lhe são peculiares. Os

estudos dos processos demográficos brasileiros estão ainda carentes de uma metodologia própria para abrir possibilidades de análise e conhecimento mais profundos de um quadro demográfico original.

O trabalho prático com as fontes da História Demográfica de Franca, constou, em uma primeira etapa: levantamento de dados brutos; organização e seleção cronológica e várias triagens de correção. Para o levantamento de dados, foi elaborada uma ficha-padrão correspondente a cada documento, observando o procedimento científico necessário à coleta de dados em História. A ficha-padrão aplicada aos atestados de batismo, com quatro informações e aos atestados de óbito, com oito informações diferentes, possibilitou a elaboração de tabelas de contigência numa aplicação estatística à História. Este trabalho possibilitou maior precisão e profundidade à análise realizada.

A informação mais complexa de ser trabalhada é a "causa-mortis". A diversificação de sua tipologia, num período de meio século, e a diferença terminológica do século passado dificultam o trabalho do historiador, exigindo formas especiais de tratamento.

Assim, a classificação de cada causa de óbito requer um tratamento com base na Classificação Estatística Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbitos, adotada pela décima nona Assembléia Mundial de Saúde.

A utilização estatística como instrumental científico, empresta um auxílio indispensável a vários ramos do conhecimento humano, mas é preciso que não se peça mais do que ela pode dar, e nem se tire conclusões que ela não autoriza. Nos problemas demográficos da História, antes de aplicar-se o rigor dos processos matemáticos, deve-se atentar à limitação dos dados e à necessidade de adaptação matemática e

estatística à História.

Torna-se preciso arrancar das estatísticas os números brutos que elas encerram, e interpretá-los face a nossos conhecimentos.

Por isso mesmo, evitou-se neste trabalho qualquer sofisticação de tratamento estatístico, que pudesse comprometer os resultados. Trabalhou-se com dados brutos e não se utilizou a técnica da amostra, por acreditar-se que semelhantes critérios asseguram com maior firmeza a fidelidade das conclusões. Assim, o trabalho estatístico dos dados complementando o processo de análise exigiu uma interpretação científica baseada numa visão teórica interdisciplinar. O entrosamento de disciplinas específicas objetiva maior compreensão dos problemas populacionais através da História, e de uma abordagem renovada, tão pouco explorada.

Entre outras obras de grande importância no campo específico da mortalidade e natalidade, conta-se, de um lado, com os trabalhos de Ruy Laurenti, baseados na estatística de mortalidade, enfatizado a classificação das causas de óbito; e, de outro, os estudos de Elza Berquó, que pesquisam com grande profundidade o evento da natalidade. Importa esclarecer que semelhantes estudos representam admiráveis contribuições para melhor dilucidação do que pretendemos demonstrar, não obstante tratarem de temas atinentes à Medicina Preventiva.

No campo da História, os estudos de Michel Fleury e Louis Henry propõem procedimentos metodológicos específicos de grande valia para aqueles que se interessam por demografia histórica. Os trabalhos de Maria Luíza Marcílio tratam de questões populacionais da realidade brasileira, e trazem contribuições de grande interesse para este estudo, tanto no âmbito da metodologia, como no âmbito do conhecimento espe

cífico de uma realidade, com a qual pode-se estabelecer comparações.

Cabe ressaltar, aqui, o grande valor das obras de Lycurgo Santos Filho, para trabalhos semelhantes a este. Elas permitem um conhecimento maior da terminologia das doenças através dos séculos passados, e facilitam a colocação das mesmas, na Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, através da possibilidade de uma atualização de sua nomenclatura.

Para uma melhor precisão científica, e maior compreensão, faz-se necessário esclarecer que as referências a atestados de nascimentos em todo o trabalho são relativas a assentos de batismo. Impõe-se também lembrar que crescimento natural ou vegetativo é traduzido pelo excesso de nascimento sobre os óbitos.

Outros termos específicos terão sua explicação no próprio corpo do trabalho, ou em indicações especiais. É importante esclarecer que as notas e referências bibliográficas serão encontradas após o final de cada parte.

A cidade de Franca apenas recentemente tem sido objeto de pesquisa dentro de abordagens renovadas. O estudo da mortalidade nesta região paulista, num espaço de tempo de meio século, deve ser compreendido e analisado dentro de um quadro conjuntural através da observação de alguns aspectos da paisagem geográfica do local em estudo, e da análise da dinâmica do quadro histórico que envolve os marcos cronológicos de 1800 a 1850.

Muito pouco estudada, Franca apresenta-se como uma novidade em termos de um "desvendar histórico". A relevância desta pesquisa decorre não apenas da originalidade dos dados, mas, também da importância do conhecimento da história regional numa perspectiva demográfica, atendendo o que

reclamam os documentos por aí dispersos a fim de se estabelecer um alicerce, para um estudo em escala de "Brasil todo".

É chegada a hora dos agradecimentos. Agradecer a todos que, de algum modo, nos ajudaram na elaboração desta tese. Ajuda formal? Ajuda espiritual? Uma idéia? Uma recomendação? Um amparo moral diante de frequentes tropeços e hesitações? Um apontamento? Mesmo uma desilusão? Não importa a sua natureza. O que mais vale - a ajuda que nunca nos foi negada: do nosso orientador - Emanuel Soares da Veiga Garcia; de José Chiachiri Filho; de Divaldo Gaspar de Freitas; de Lycurgo Santos Filho; de Zélia Maria Neves Presotto; de Haidée Marquiafave Pugliesi; de Jaciro Campante Patrício; de Luzia Helena Garcia; de Elza Helena Marqueti; de Anita Batista dos Santos; das bibliotecárias do Instituto de História e Serviço Social de Franca, da UNESP; e, certamente, de outros mais, até anônimos, que de alguma forma contribuíram para a ultimação desta tese. A todos somos gratos. Oxalá possamos, um dia, revelar-lhes os nossos agradecimentos de forma mais expressiva.

Tantos foram os que nos ajudaram que, dir-se-ia, a tese que, a princípio, parecia ser nossa, é agora de todos. Nossos são, seguramente, os deméritos que os nossos críticos revelarão a partir de agora. Crítica construtiva que leva à melhora do trabalho, não obstante toda tese universitária, como todo trabalho intelectual, não conseguir obter a unanimidade dos juízos. Uma coisa entretanto é certa - tese elaborada com rigor de honestidade científica. Isso nos anima a prosseguir... com aquela mesma ajuda recebida...

PARTE PRIMEIRA

FRANCA NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XIX

FRANCA EM SUA REGIÃO

O município paulista de Franca, teve seu desbravamento e povoamento inicial ocorridos no final do século XVIII e princípios do século XIX. Iniciou-se primeiramente, um núcleo de população que num crescendo, passou a arraial, depois a freguesia e recebeu a instalação de Vila, em 1824 (1).

Franca está localizada no extremo Nordeste do Estado de São Paulo. É considerada como uma área marcadamente tradicional, tanto nas suas formas de relevo como nas condições ecológicas do solo e da vegetação. (2)

Atualmente o Município de Franca possui 590 Km², e, de modo geral, sua região está contida dentro dos limites dos paralelos 20°10' e 20°40' de latitude Sul e 47°30' de longitude Oeste..

As condições climáticas desta área estão estreitamente ligadas às mudanças atmosféricas responsáveis pela freqüência de uma diversidade de tipos de clima que se apresentam na região. Isto acontece porque o planalto de Franca recebe influência de massas de ar intertropicais e polares, de um território maior: o Estado de São Paulo, do qual é parte integrante.

Uma análise de variação térmica de Franca, (3) mostra que as temperaturas médias mensais variam de 15° a 22°C. Assim, de modo geral, as temperaturas médias mensais situam-se entre 15° a 19°C, no inverno e 20° a 22°C, no verão, sendo que a temperatura média anual situa-se entre 19,2° a 20,8°C. (4)

Quanto ao regime pluviométrico da área, (5) pode ser definido como sendo do tipo tropical, por apresentar dois períodos distintos e que se alternam ano a ano, is

to é, chuvoso e seco. Embora possa considerar-se uma pluviosidade média boa para Franca, é interessante, principalmente para um estudo da mortalidade, ⁽⁶⁾ observar-se que há uma grande concentração da pluviosidade e principalmente nos meses de verão.

Quanto à vegetação, Franca constituiu-se numa zona típica de contáto e interpenetração de duas unidades botânicas: a mata e o cerrado. Os cerrados eram dominantes e de início devem ter ocupado uma área um pouco maior.

As matas conseguiram invadir os cerrados, subindo pelos trechos planálticos dos pequenos vales, até atingir as cabeceiras dos cursos d'água que remontam o planalto, formando, assim, o quadro botânico, encontrado pelos primeiros povoadores da região. Não é ela pois, uma zona típica dominada pelos cerrados, como acontece comumente em outras áreas. O que se verifica são as matas em meio aos cerrados numa evolução integrada da paisagem.

Quanto à hidrografia, cabe ressaltar que o Planalto de Franca comporta-se como um divisor de águas, a partir do qual os cursos caminham para os rios Canoas(leste), Santa Bárbara-Sapucaizinho(sudeste), Sapucaí-Mirim(sul-sudeste), do Carno(oeste-noroeste) e Grande(norte), sendo que este último e seus afluentes e sub-afluentes comandam, quer regional, quer sub-regionalmente, a rede hidrográfica.

Tendo-se, porém, em vista, o papel de divisor de águas do Planalto de Franca, nota-se que não existe na área nenhum curso d'água importante, principalmente no tocante ao volume. ⁽⁷⁾ O regime dos pequenos cursos d'água da área está bastante ligado ao comportamento das chuvas, que se seguem alternadamente a períodos secos.

Cabe então ressaltar, que existe uma certa correlação entre os cursos d'água e a distribuição da população rural, tendo em vista, que esta geralmente se dispõe acompanhando os vales, pois a erosão remontante das cabecei-

ras determinou o aproveitamento de melhores solos que foram ocupados com as atividades agrícolas. Por outro lado, os solos arenosos do topo do Planalto por serem pobres em água, ou seja, por terem uma certa permeabilidade, dificultam a localização do "habitat". Observa-se porisso, uma ação condicionante do fator geográfico água, em relação à humanização da paisagem através do povoamento e da colonização.

O processo de formação e desenvolvimento da economia regional de Franca, quando examinado ao longo de sua História, mostra-se intimamente ligado às características gerais de seu "habitat" rural.

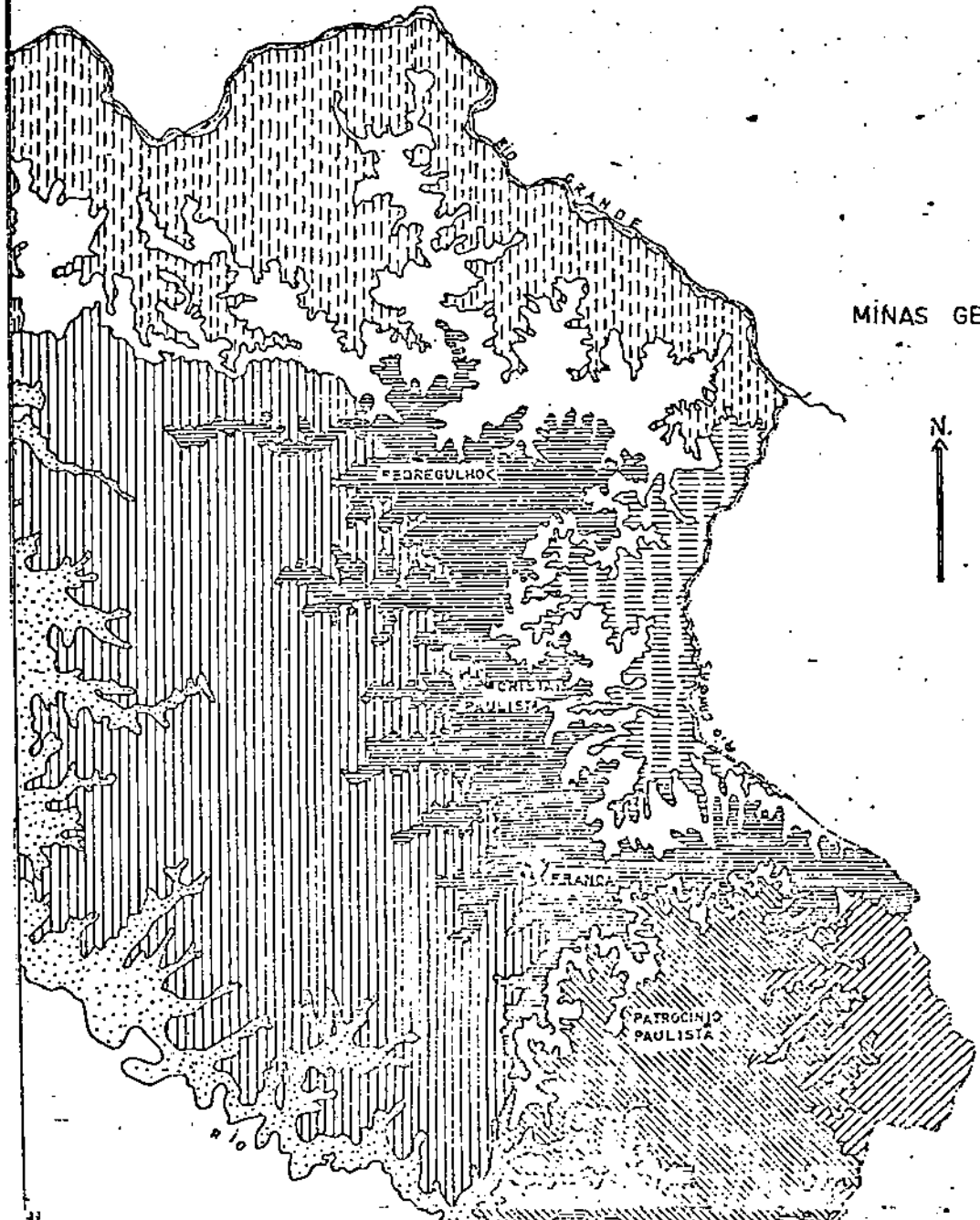
A História da cidade de Franca identifica-se com a da zona rural. Isto porque até meados do presente século o grau de autonomia da cidade, em relação ao campo, era mínimo. A cidade funcionou quase que prioritariamente como centro de idéias e decisões em função de áreas rurais. (8)

Da caracterização geral das atividades agro-pecuárias no Planalto de Franca, evidencia-se que resultam de um complexo de fatores de ordem natural, aliados a outros sócio-econômicos. (9)

A predominância de solos arenosos e pouco férteis em conjunto com a vegetação de cerrados, acompanhados de um povoamento com elementos tradicionalmente criadores levou a uma dominação em área de terras ocupadas com a pecuária.

MAPA I









COMPARTIMENTAÇÃO TOPOGRÁFICA DA REGIÃO DE FRANCA



LEGENDA

ESCALA



-  VALE DO RIO SAPUCAI
-  CHAPADÕES DO REVERSO DO PLANALTO
-  PLANALTO DE FRANCA
-  VALE DO RIO GRANDE
-  VALE DO RIO CAROAS
-  ESCARPAS
-  DEPRESSÃO MONOCLINAL DE PATROCÍNIO PAULISTA
-  REVERSOS

FONTE:
 FOLHA TOPOGRÁFICA DE
 RIBEIRÃO PRETO, 196 1954
 ESCALA: 1: 250000
 ORGANIZADO POR BENEDITO
 E.N.VIEIRA
 DES. NEUZA MACHADO VIEIRA

FONTE; VIEIRA, S.B. O uso da terra no Planalto de Franca.
 Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de
 Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências



FONTE: Carta do Brasil IBG., 1972
 Escala 1:50000
 Aerofotografias de 1966
 Reambulação - 1968
 Organizado por Benedito E. M. Vieira
 Desenho de M. das Graças Cintra

FONTE: VIEIRA, S.B. O uso da terra no Planalto de Franca. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca. (mimeografada), 1973, p.76

O CONTEXTO HISTÓRICO

Para que possamos estabelecer um quadro geral de Franca, na primeira metade do século XIX impõe-se a abordagem aos primórdios do seu povoamento.

Faz-se, contudo, necessário, perquirir, embora ligeiramente o século XVIII, quando da descoberta das Minas de Goiás, pelos paulistas, para que se possa compreender o processo de desenvolvimento de Franca, no final do Século XVIII e princípios da centúria subsequente.

A necessidade de comunicação entre São Paulo e a Vila Boa de Goiás levou ao estabelecimento da chamada "Estrada dos Goyazes" ao longo da qual foram se formando pousos, distantes uns dos outros, que originaram alguns núcleos urbanos, destinados a abrigar e abastecer os usuários do caminho, além de contribuírem também para o abastecimento da Vila Boa de Goiás, onde se explorava quase que exclusivamente a mineração.

Coube aos paulistas o pioneirismo do desbravamento e habitação da área concernente, tendo em vista o trajeto da "Estrada dos Goyazes".

Continuando, porém, a obra dos paulistas, e através de uma ocupação mais efetiva, aparecem os mineiros, aqui atuando até o final do século XIX e se quisermos avançar nossa observação, dados populacionais o comprovam até os nossos dias.

A atuação dos mineiros encontra-se ligada, entre outros fatores, à decadência da mineração em sua Província, o que levou muitos de seus habitantes ao desempenho de outros gêneros de vida, entre os quais a criação de gado. O processo de expansão dessa atividade veio de encontro aos já

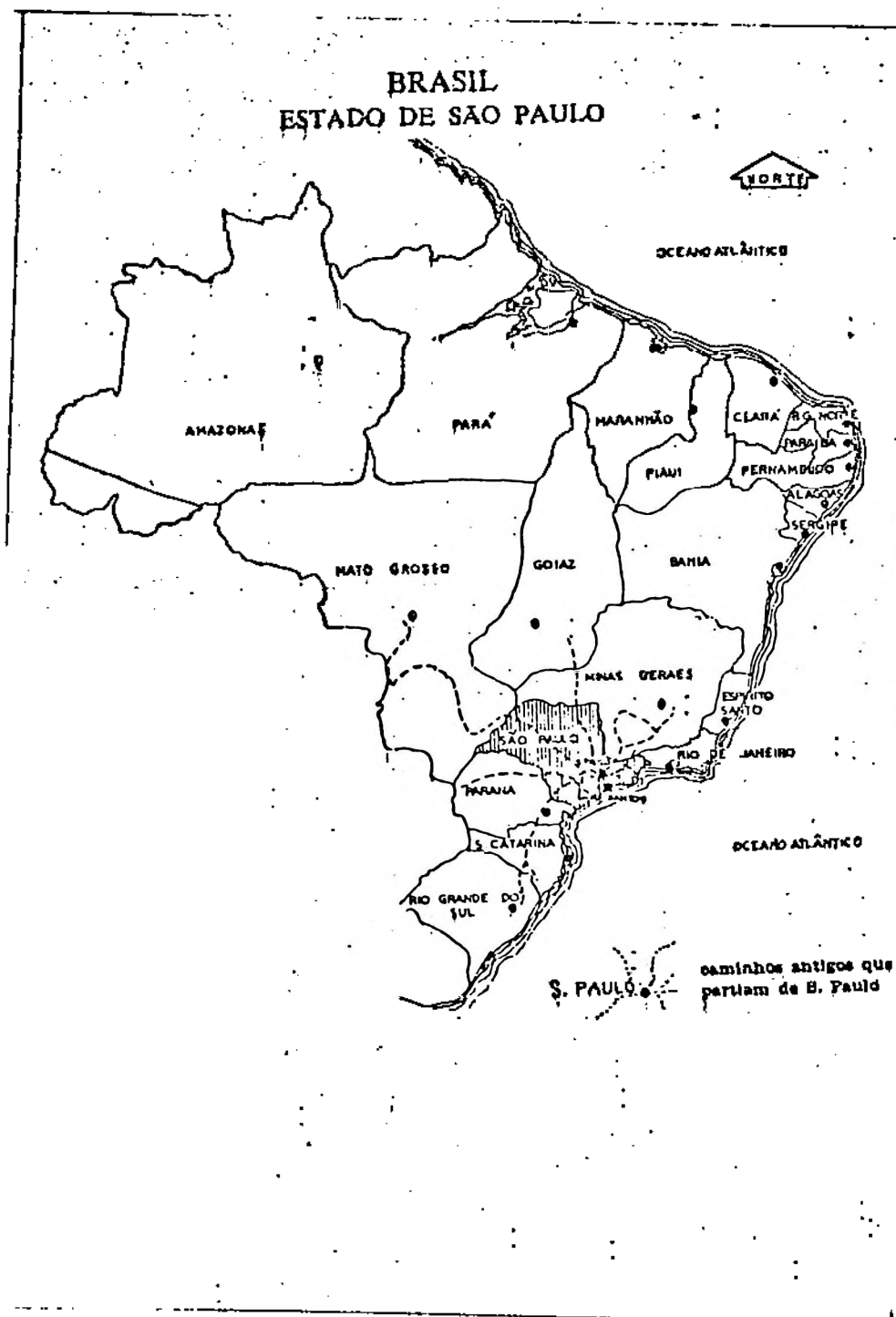
então criadores, procedentes do sul de Minas; atingiram o Triângulo Mineiro, (Desemboque, Araxá e Uberaba) para penetrarem, então, no chamado Sertão do Rio Pardo, nome pelo qual se conhecia o Nordeste paulista no início do século XIX.

A "Estrada dos Goyazes" funcionou como um atrativo à penetração dos mineiros, através da possibilidade de comerciarem diretamente com São Paulo e outras; e obterem maiores lucros. Vale dizer que, além da criação, os mineiros cultivavam também alguns gêneros, como o milho e a mandioca, comerciando-os porém através da referida estrada. E foi, precisamente ao longo desta estrada que surgiram os primeiros núcleos urbanos do Nordeste Paulista, e no Flanalto aí existente, a então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Franca e Rio Pardo. O povoador encontrou, ali, um quadro natural propício ao desenvolvimento de sua atividade principal:- a criação de gado.

O povoamento foi se processando de modo contínuo, numa ambiência de valorização econômica de incorporação da terra ao patrimônio particular, de um lado e de outro, ao do poder público. Numa maior autonomia para a população regional, em face daquele fomento, em 1824 instalou-se a Vila Franca do Imperador.

Desta forma, a ação dos próprios mineiros fez com que continuasse sendo paulista a área pretendida pela Capitania das Minas Gerais.

No setor econômico da Vila Franca do Imperador, continuou a processar-se a criação de gado, que foi se expandindo ao mesmo tempo em que se deu um aumento de área plantada, com a introdução de novos cultivos, a ponto de em 1836 notar-se, já, a presença do café, embora sem quantificação exportável.

MAPA III

FONTE: MARCÍLIO, Maria Luiza. A Cidade de São Paulo. Povoamento e População. 1750-1850. São Paulo, Pioneira, 1973, p.3

Assim a Vila Franca foi se afirmando economicamente, com a multiplicação da riqueza social, à medida em que se definia como praça de gado, procedente do sertão central, prestando-se ao consumo de populações de São Paulo; e, ainda, como centro de gêneros, vindos do sul, destinados ao abastecimento do Brasil central.

A título de curiosidade lembra-se que a chegada dos primeiros imigrantes italianos, na década de 1870, bem assim, a inauguração da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, em 1837, constituem sem dúvida, dois dos principais fatores que mais contribuíram para o povoamento regional franco no, após a primeira metade do século XIX.

Semelhante povoamento surge num quadro maior onde o ouro figura como primordial suporte da economia, embora efêmera, do Brasil no decurso da primeira metade do século XVIII.

A região das Minas Gerais desenvolveu-se no século XVIII centralizando tão intensa atividade, a ponto de repercutir nas várias economias da Colônia.⁽¹⁰⁾ A mineração, teve, sem dúvida, uma certa duração, mas sua importância foi tão grande a ponto de deixar marcas na História do nosso país.

O fluxo de população para as Minas é tão volumoso, que iniciando em princípios do século XVIII, vai crescendo até tomar proporções gigantescas.⁽¹¹⁾ Este fato, provavelmente, exerceu grande interferência na vida do país. Além de repercutir nas atividades econômicas da Colônia, multiplicou o fluxo migratório, e delineou a direção do povoamento.

Tudo isto se deu em um "curto" espaço de tempo. Começou logo o enfraquecimento da produção das minas.

No último quartel do século XVIII, a deca

dência generalizou-se. Os exploradores da mineração defrontavam-se com a dificuldade de verem praticamente esgotados todos os veios auríferos de um vasto território, cuja área global não é inferior a 2 milhões de Km². (12)

Ao despertar o século XIX, dá-se então, a última ruína da indústria mineradora do Brasil Colonial, iniciada um século antes, com as mais otimistas expectativas.

Assim fica delimitado alguns aspectos do cenário econômico da época, os quais, nos parece de grande importância para a análise e compreensão da História de Franca.

A exploração das minas foi responsável pelo povoamento de grandes áreas no interior brasileiro e centro, durante cem anos, da maior parte das atenções da Metrópole e das atividades da Colônia. Nada mais foi, todavia, do que uma efêmera aventura da qual pouco resultou para o Brasil, além da imensa destruição de recursos naturais nos distritos mineiros. (13)

Entre outros produtos, São Paulo encontrou, por longo tempo, seu modo de vida na agricultura, e, principalmente no setor da cana-de-açúcar. Assim sendo, a agricultura é a responsável pelo aumento da população e pelo acúmulo de capitais que permitem primeiro o aparecimento de grandes engenhos, depois de grandes fazendas de café. Todo esse apogeu açucareiro, de uma forma ou de outra, provavelmente interferiu nas características gerais de Franca, vistas através da natalidade e mortalidade.

FRANCA NA CONJUNTURA MÉDICA DO BRASIL

O estudo da natalidade e mortalidade, durante meio século, (1800-1850) sugere um encontro com as possibilidades de assistência médica nesse mesmo período.

Sabe-se que desde o século XVI já existiam, ainda que precariamente, as Santas Casas, cabendo a elas o principal papel no desempenho da assistência hospitalar. Já no século XVIII surgem os Hospitais Militares, localizando-se primeiramente nas sedes das Capitânicas, e, depois, nas capitais das províncias. Ainda no século XVIII surgiram também, os lazaretos que se localizavam apenas nas principais cidades. Foi somente no meado do século XIX, nas cidades mais populosas, que apareceram as Casas de Saúde, de propriedade de médicos. Por outro lado, os físicos e cirurgiões, dedicados à cura das doenças, até o século XIX, instruíam-se principalmente nas escolas e hospitais da Península Ibérica, mais particularmente em Coimbra e no Hospital Real de São José, de Lisboa. A Faculdade de Medicina de Paris, a Universidade Livre de Bruxelas, e outras, também atraíam brasileiros que desejavam cursar medicina.

Em 1806, ao chegar ao Brasil, o Príncipe Regente D. João fundou duas escolas de cirurgia: uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro. Mais tarde, essas duas escolas transformaram-se em "Academias Médico-Cirúrgicas", sendo que ambas foram instaladas nas respectivas Santas Casas. A do Rio de Janeiro passou para a Academia em 1813, e a da Bahia em 1815. (14)

Em 1829, fundou-se a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que é, atualmente, a Academia Nacional de Medicina. A antiga Sociedade de Medicina tem lugar em comentários dos relatórios imperiais (15) onde se percebe uma ra

zoável valorização e uma expectativa de bons serviços a serem prestados por esta entidade. Já em 1838, um documento⁽¹⁶⁾ fala da conveniência de elevar essa Sociedade à categoria de Academia, e a justificativa apresentada para tanto é que esta iniciativa serviria de incentivo aos médicos, que se esforçariam para nela serem admitidos. Entendia-se que esse esforço resultaria em aperfeiçoamento ou descobertas feitas na ciência. Desta forma, nota-se a preocupação expressa dos governantes, quanto ao incentivo da busca à ciência e ao aprimoramento médico, condizendo com a realidade precária de um setor que era recém-nascido, num país também ainda jovem. Fala-se ainda da publicação, por esta Sociedade, de um periódico mensal, em que apareceriam os resultados dos trabalhos científicos, as memórias e observações de seus membros e de outros que, ali, porventura quisessem inserir-se.

E foi naquela linha de conduta, que, em 1832, as antigas Academias Médico-Cirúrgicas foram transformadas em Faculdades de Medicina, de acordo com o projeto elaborado pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e aprovado pelo Congresso.

Afirma Lycurgo de Castro Santos Filho, que a Faculdade de Medicina de Salvador não logrou conseguir, em sua longa existência, o nível material e cultural da do Rio de Janeiro que, aliás, não foi dos melhores. Na Bahia falhou inteiramente o ensino prático, pela inexistência de laboratórios; e foi inexpressivo por muito tempo, o total de alunos matriculados. Tolhidos pela deficiência, os lentes não lograram alcançar a notoriedade desfrutada pelos professores do Rio de Janeiro. Nas últimas décadas do século, porém, alguns deles ganharam renome graças a estudos que marcaram época na História da Medicina Brasileira. Enquanto isso, a Faculdade do Rio de Janeiro, criada na mesma data, 3.10.1832 permaneceu até 1836 na Santa Casa de Misericórdia, onde nas suas enferma

rias era ministrado o ensino das clínicas médica e cirúrgica. Embora mais favorecida que a Escola da Bahia, a do Rio de Janeiro não chegou a possuir instalações e aparelhagens suficientes para um aprendizado satisfatório.⁽¹⁷⁾ Era imprimido um ensino teórico, sem propriamente pesquisa ou experimentação. Desta forma, ainda que envolvendo melhores condições que a Faculdade da Bahia, a do Rio de Janeiro, é bom enfatizar - que também ela reunia condições deficitárias em suas instalações, dificultando por muito tempo, não apenas o avanço médico, no Brasil, como também as condições assistenciais que dele pudessem advir. Tanto assim, que em 1839, portanto sete anos após sua fundação, um documento governamental mostra uma etapa posterior contada em vários relatórios imperiais sobre a precariedade da Escola de Medicina da Corte. O edifício necessitava de diversas obras internas, e estava despido de instrumentos e demais objetos que deviam conter para seu melhor aproveitamento. O Diretor da Escola reclamava repetidas vezes a construção de um salão espaçoso para as preleções de clínica e abertura de cadáveres, alegando que as existentes eram pequenas e impróprias atravancando, assim, o bom andamento dos trabalhos naquele setor.⁽¹⁸⁾

Até a proclamação da Independência, pode-se dizer que a Medicina na cidade de São Paulo, praticamente não existia. Em 1835 para uma população de 22.000 habitantes, havia apenas 5 médicos e 4 cirurgiões. O que dizer-se então das localidades do Interior?

Num período de 50 anos (1800-1850) entre os estudantes que foram do Brasil estudar na Universidade de Coimbra, num total de 634 pessoas para todo o período, apenas 30 formaram-se em Medicina,⁽¹³⁾ e os outros diversificavam-se entre as áreas de Filosofia, Teologia, Matemática e Direito. Do Estado de São Paulo, foram para Coimbra 18 indivíduos, sendo que 10 deles eram da capital e nenhum houve, que tivesse

formado em Medicina. Sobre a quantidade de médicos com que contava Franca, nada que pudesse informar, foi encontrado. Sabe-se porém que esse atendimento deixava muito a desejar, e um dado que o confirma, é que apenas em 1885 é que foi fundado o primeiro hospital em Franca. Era a Santa Casa de Misericórdia que teve o "compromisso" publicado apenas em 1906. Há portanto, a comprovação da precariedade dos serviços médico-assistenciais de Franca, praticamente inexistentes, a não ser, obviamente, as "parteiras", "aparadeiras", "curiosos", "barbeiros", "sangradores", e outros.

Aí está, rapidamente traçado, o quadro histórico da medicina brasileira, num espaço de meio século de vida do país, de onde se vai analisar a natalidade e a mortalidade em um de seus municípios, que, inserido no todo, recebe e emana influências da vida econômica, política e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- (1) José Chiachiri Filho. Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador.
- (2) Aziz Nacib Ab'Saber. A região de Franca - Estudos de Geografia Aplicada.
- (3) Benedito Eufrásio Marcondes Vieira. Produção Agrária em Franca. p.31.
- (4) IBID, p.34
- (5) IBID, p.31
- (6) O regime das chuvas de uma região, para o estudo da mortalidade é de grande importância porque como se sabe, pode interferir na saúde do homem. As chuvas intensas, no verão, podem ser seguidas por altas temperaturas, que numa ação sequente podem deteriorar lixos, numa falta de higiene, tão propícia ao desenvolvimento de moléstias infecto-contagiosas.
- (7) Benedito E.M. Vieira. op. cit. p.58
- (8) IBID, p.61
- (9) IBID, p.161
-Como fatores sócio-econômicos pode-se citar a migração de elementos mineiros, que chegavam a Franca para dedicar-se a lavoura e criação de gado, numa superação da decadência econômica das Minas Gerais.

- (10) Iraci Del Nero da Costa. Vila Rica: População (1719-1826). p.7
- (11) IBID, p.8
- (12) IDEM
- (13) Myriam Ellis. "A Mineração no Brasil no século XIX." O Brasil Monárquico, in História Geral da Civilização Brasileira. p.14
- (14) Lycurgo Santos Filho. Pequena História da Medicina Brasileira. p.77
- (15) Foram examinados todos os volumes dos Relatórios Imperiais de 1833 a 1850.
- (16) Relatório da Repartição dos Negócios do Império apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1838, pelo respectivo ministro e secretário de Estado interino Bernardo Pereira de Vasconcelos.
- (17) Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1839 pelo ministro e secretário de Estado interino dos Negócios do Império.
- (18) Lycurgo Santos Filho. op. cit. p.80

PARTE SEGUNDA

NATALIDADE EM FRANÇA

A NATALIDADE LIVRE

Com a conquista e a interação entre europeus e povos nativos da América deu-se gradativamente a implantação de sistemas europeus de administração civil e religiosa.⁽¹⁾ Desde o início da colonização espanhola e portuguesa na América, a Igreja preocupou-se com o registro de seus fieis, atribuindo a cada paroquiano a marca dos eventos vitais ocorridos em suas existências: batismo, casamento e morte.

O início mesmo desta preocupação da Igreja com o registro de seus povos na América, tem suas raízes plantadas antes do término do Concílio de Trento, que envolveu o período compreendido entre 1545 e 1563 e que tentava estabelecer normas à prática de registro dos cidadãos católicos. Foi em 1555 no México, a partir do Primeiro Concílio Provincial de Bispos, que os párocos receberam ordens para manterem livros de registros de batismo e de casamentos de espanhóis e índios. As dificuldades de aplicação eram tantas, que chegaram a impossibilitá-la em toda a América Hispânica.

O Concílio de Trento, estabeleceu também, a legislação, a prática e as normas obrigatórias para o registro dos fatos vitais em geral. Com o passar do tempo, essa legislação é complementada inclusive com uma proposta de contagens periódicas dos fiéis de cada paróquia, constituindo-se em uma espécie de censos religiosos.

No Brasil, já se dava a prática do registro de batizados, casamentos e óbitos, desde o século XVI, apesar de que a primeira tentativa de normalizar para a Colônia, as recomendações de Trento, deu-se somente em 1707 na Bahia.⁽²⁾ Desta tentativa efetivou-se as Constituições Príncipeis do Arcebispado da Bahia, que emanaram um conjunto de leis que re

gulavam os registros paroquiais e que vigoraram até fins do século passado.

A obrigatoriedade de registrar os eventos vitais, imposta pela Igreja, possibilita-nos os estudos de Demografia Histórica, mesmo para épocas qualificadas de pré-estatística, quando os registros paroquiais suprem a falta dos registros civis.

As dificuldades de se efetuar os registros vitais foram realmente muito grandes, e prova disto são as complicações vindas até épocas mais recentes, quando da existência já, dos registros civis, sobrepondo-se aos registros da Igreja. No âmbito local, as reações das autoridades Municipais quanto à sua aplicação foram as mais diversas. (3)

A resistência ou a desobediência à aplicação tanto dos eventos vitais através da Igreja, como através do registro civil, são indicadores, não apenas da falta de preparo típico das regiões menos desenvolvidas, como da constatação de uma mentalidade "colonial" e sua permanência através dos anos, com princípios contrários às determinações legais, oficiais, anteriormente emanadas da Metrópole, conforme analisa Sérgio Buarque de Holanda. (4)

Sem levar em conta a ausência de uma mentalidade estatística na época em estudo, quando não se verifica o fator precisão, nem sequer nos documentos oficiais, podemos mesmo nestas condições, através destas informações frequentemente incompletas, analisar uma série de indícios.

O evento da natalidade, é de grande importância, num estudo de população, porque está sempre em ligação direta com uma população vindoura. Trata-se de um fator bastante complexo, e que se decompõe em várias outras questões tais como: sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Em todos os tempos, houve correntes parti

dárias do desenvolvimento populacional, e outras que se opuseram receando dos excessos da massa humana.

Até os fins do século XVIII, porém, ninguém havia conseguido chegar claramente a uma colocação sobre esta problemática, quando o pastor inglês Thomaz Robert Malthus afirmava que era preciso travar a população humana, para não se cair na fome e na miséria, visto que a produção de alimentos só podia crescer segundo uma progressão aritmética, (2,4,6,8,10,12, etc.) ao passo que a reprodução humana estava prosseguindo segundo uma progressão geométrica (2,4,8,16, 32,64, etc). Malthus iniciou então uma doutrina e foi o fundador de uma escola, o malthusianismo, logo seguida por muitos economistas.

Alguns anos mais tarde, na Inglaterra e em outros países, ultrapassou-se a teoria de Malthus e criou-se uma nova escola, erradamente designada neo-malthusianismo. Esta, não apenas aconselhava como o fazia Malthus, prudência na procriação, mas ensinava os processos a adotar para evitar a fecundação, indo ainda mais longe, aconselhava até o abortamento. (5)

Essas teorias todas, portanto, embora tivessem sido emanadas do próprio povo com uma certa generalidade para qualquer lugar, e embora alguns concordem que elas tenham influenciado uma baixa da natalidade em vários países, até hoje nada de concreto se tem sobre a validade ou não de suas afirmativas, tal é a diversidade de questões que a elas são superpostas.

Além das intensas correntes migratórias intra-regionais uma alta taxa de natalidade verificou-se no Nordeste Paulista, ocasionando nos princípios da décima nona centúria, algumas transformações demográficas.

Apenas como uma questão metodológica, di-

vidiu-se a população de Franca pela condição social que lhe era atribuída:— de um lado a população branca livre e de outro o negro:— livre e a população cativa, compreendida pelo negro escravo.

Desta forma, para tratar-se da população livre, é preciso considerar-se tanto o Branco, como o Negro forro.

O BRANCO

Em termos da população branca, o número total de batismos foi apurado em 8.166 para todo o período que abrange os anos de 1800 a 1850. Dos 8.166 indivíduos, 51,10% pertencem ao sexo masculino, enquanto que 48,90% correspondem ao sexo feminino, numa diferença numérica de 136 homens e percentual de 1,97 (tabela 1). A análise dos totais, gerais, a grosso modo, já nos dá uma expectativa de uma taxa de masculinidade branca, predominante, pelo menos, para o período em estudo. Uma observação mais aprofundada, porém, mostra que em 14, dos 50 anos estudados deu-se a maior taxa de natalidade, para o sexo feminino. Tratam-se exatamente dos anos correspondentes a 1811, com 49 indivíduos do sexo masculino e 52 do feminino; 1820 com 67 homens e 70 mulheres; 1821 com respectivamente 62 e 67; 1827, 110 e 115; 1828, 90 e 96; 1833, 101 e 117; 1834, 114 e 120; 1836, 106 e 120; 1838, 122 e 129; 1841, 137 e 155; 1843, 123 e 173; 1846, 117 e 119; 1847, 129 e 150; 1850, 108 e 115.

Comumente, os estudos que envolvem as Teorias Populacionais afirmam, e com dados comprovados, que é considerada como raríssima exceção, a região ou localidade que se apresenta com maior número de nascimentos femininos do que masculinos.⁽⁶⁾ Neste caso, Franca comporta-se exceção, em quatorze anos dispersos pelo período de meio século. Com refe

rência aos outros anos e ao total, entretanto, mostra-se inserida na afirmação feita, tanto em termos do grupo de população branca, como em termos de total geral de nascimentos conforme a tabela 1.

Em quarenta e um anos, portanto, também esparsos num período de meio século, o índice de natalidade francana manteve maior número para o sexo masculino. Este resultado é concordante com alguns estudos do mesmo teor, realizados em Portugal, na cidade do Porto e de Lisboa, embora em épocas diferentes e, no Brasil, para a cidade de São Paulo, (7) e Vila Rica. (8) Desta forma, o estudo de todas essas localidades, confirma mais uma vez, a maior natalidade, para o sexo masculino. Apesar de ser geral este fenômeno de masculinidade, quando se apuram dados da população como um todo, na maioria das vezes, contam-se mais mulheres do que homens. (9) Esta é, porém, uma contradição apenas aparente, porque de modo geral, os homens, morrem em maior número do que as mulheres. Este fenômeno, tem causado grande curiosidade entre biólogos e demógrafos, que se debatem a procura de uma causa, mas ainda não a encontraram. Acreditam alguns, que a razão de masculinidade reside numa necessidade natural, já colocada desde o século passado, num estudo em Portugal. Encontrava-se então a afirmativa de que o homem vem ao mundo, mais fraco do que a mulher, estando por conseguinte sujeito a morrer mais depressa; à natureza parece caber a tarefa de suprir esta deficiência fabricando mais homens que mulheres. Na verdade, o sexo rotulado de frágil, parece que vem ao mundo mais forte, ou pelo menos mais resistente do que o masculino, visto que a morte é mais implacável em todas as idades, para os homens do que para as mulheres. Compreende-se a questão, apenas pelo fato de que a natureza procura compensar o sexo masculino, dando-lhe maior número de seres, uma vez que estes tem a vida mais curta. Para os embriologistas, a questão continua sendo uma in-

cógnita.

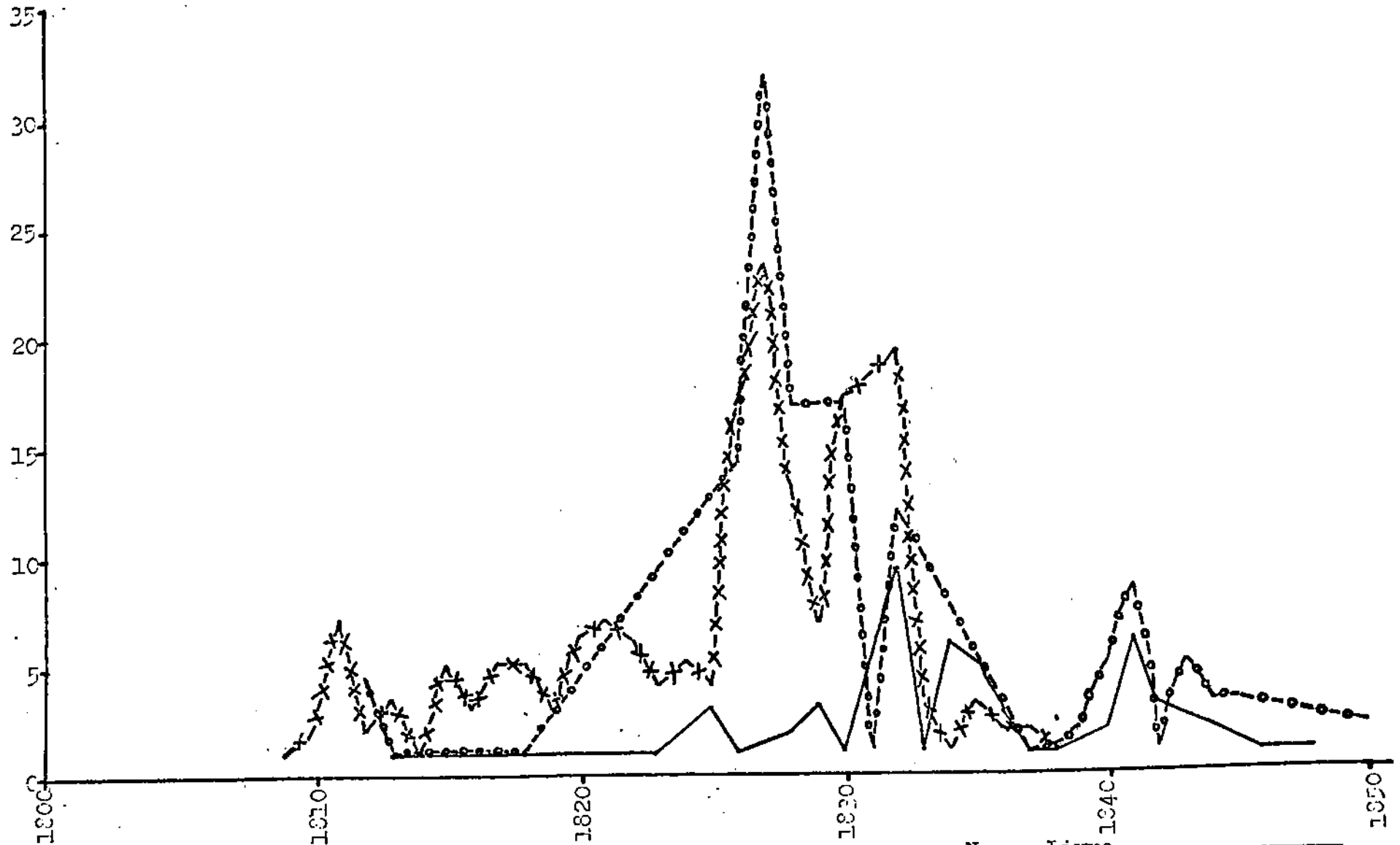
Na pequena localidade da Vila e Freguesia de Franca, a maior natalidade, (segundo os registros de batismos), em números absolutos entre os brancos deu-se ainda, conforme a tabela 1, em 1842, com 328 nascimentos, ou 4,04% do total de nascimentos para todo o período (1800-1850); seguiram-se-lhe 1844 com 309 ou 3,80%; 1843, com 296 nascimentos ou 3,62%; 1835 com 292 ou 3,57%; 1841, também com 292 ou 3,57%. Para o restante do período de meio século, os números de nascimentos permaneceram todos numa faixa semelhante, porém mantendo um equilíbrio em ascendência, na curva de nascimentos, com apenas duas quedas bruscas. (Gráfico 1). A primeira destas duas quedas, (em 1831), provoca as seguintes dúvidas: teria ela aparecido devido a mudança de pároco? Ou teria havido ausência, mudança ou mesmo morte do encarregado do registro? Não se conseguiu nenhuma explicação concreta. Permanecerá então as indagações. Quanto à queda de 1845, pode talvez ser explicada, por uma queda da natalidade, devida a epidemia de febres, que fez o maior número de vítimas nos anos compreendidos entre 1841 a 1846.

O branco, desta forma, mostrou um comportamento de crescimento relativo ao início do século, e a caminho de sua primeira metade. Manteve porém um equilíbrio desde o princípio do período até exatamente 1824, não ultrapassando para nenhum ano, a casa dos 180 nascimentos; a seguir subindo para a casa dos 200 à exceção de 1828, 1831 e 1845 e apenas alcançou os 300 em dois anos, (1842 e 1844) para todo o período.

O NEGRO-LIVRE E O MULATO-LIVRE

Os dados retirados dos livros de batismo apresentam-se com uma subdivisão de condição social da popula

NEGRO LIVRE, MULATO LIVRE E ESCRAVO
 NATALIDADE - 1800 / 1850



Fonte de dados brutos: Livros de nascimentos de Franca

Negro Livre —————
 Mulato Escravo - x - x - x -
 Mulato Livre - o - o - o -

ção, trazendo, em separado, os dados sobre o negro livre e o mulato livre, o negro escravo e o mulato escravo.

Desta forma, pode-se observar pela quantificação apurada, que o negro livre é o que apresenta o menor percentual de natalidade, com um índice de 5,10% sobre o total de nascimentos para os 50 anos estudados, ou 54 em números absolutos. Como apresenta índices baixos, ocorrência normal e esperada para o momento histórico em que se estuda o evento, incorrer-se-ia em erro, se, se tentasse mostrar em termos percentuais a razão de masculinidade encontrada para este grupo. Assim, apenas denota-se que a maior natalidade deu-se para o sexo feminino, envolvendo um total absoluto de 31 nascimentos em contrapartida a 23 do sexo masculino. Por outro lado, durante o período todo, encontram-se apenas, cinco anos dispersos ao longo dos cinquenta estudados, apresentando quantidades de nascimentos maiores para o sexo feminino. (Isto é claro, acontece entre os que trazem informações concretas). Foi o que se deu por exemplo, nos anos de 1825, 1829, 1835, 1836, 1841. (Tabela 2)

O total de negro-livre, por sua vez, é bem menor que o de mulato-livre, do qual se apura 127 nascimentos, equivalentes a uma percentagem de 12,01% do total geral de nascimentos (tabela 3). E neste grupo populacional ocorre uma curiosidade: o número de nascimentos do sexo feminino é bem mais significativo do que o referente ao sexo masculino. Como responder a esta diversidade, advinda da natureza, que segundo alguns demógrafos, sabiamente faz nascer na maioria dos casos mais homens do que mulheres, para compensar aqueles que genericamente morrem em maior número que as mulheres? Teria ela falhado, com relação aos mulatos-livres de Franca durante meio século? Ou não teria falhado, diante de determinações que nós ainda desconhecemos?

Para os anos em que se pode contar com in

TABELA 2.
 NEGRO LIVRE
ANO DO NASCIMENTO E SEXO
 1800 - 1850

ANO DO NASCIMENTO SEXO	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	TOTAL		
MASCULINO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	1	1	-	7	-	4	2	1	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	23
FEMININO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1	-	1	2	-	-	2	1	2	3	2	1	1	-	2	4	3	-	1	-	1	-	1	-	-	-	31	
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	3	1	-	-	2	3	1	-	9	1	6	5	3	1	1	-	2	6	3	-	2	-	1	-	1	-	-	54	

Fontes de dados brutos:- Livro de batizados de Franca

formações, apenas ressaltando duas exceções, compostas por 1841 e 1843, o restante do período mostra sempre a maior natalidade para o sexo feminino. (Tabela 3)

Entre o negro e o mulato, ambos em condições de liberdade, acusam os documentos, uma diferença numérica no número geral de nascimentos, com 73 eventos a mais para o mulato.

Muito pouco se sabe sobre os mulatos e negros livres em nossa história. Apenas, provavelmente desfrutavam eles, do privilégio de uma vida mais amena do que os escravos, tanto mulatos quanto negros. E isto se conclui, uma vez que sofriam eles as agruras de um sistema escravista, além de ressentir de igual modo, como o restante da população, as consequências econômico-sociais de um país ainda novo, com apenas três séculos de existência no processo histórico do conhecimento do homem.

Quanto ao quadro numérico geral da natalidade entre os livres (mulato e negro), resta ressaltar o fato de que ambos mostram uma relevância para o sexo feminino; pode-se adiantar o mesmo também em termos da população negra escrava. Do outro lado, isso não ocorre com a população mulata escrava, conforme se poderá ver mais adiante.

Reafirma-se desta forma, que os resultados revelam-se diversos de afirmações consagradas. Frequentemente, é bem verdade, que estes resultados desnorteiam o pesquisador e não podem ainda ser satisfatoriamente explicados. (10)

TABELA Nº 3
 MULATO LIVRE
 ANO DO NASCIMENTO E SEXO
 1800. 1850

ANO DO NASCIMENTO SEXO	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	TOTAL		
MASCULINO													2						1								-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	1	8	-	5	3	-	-	-	-	-	2	25		
FEMININO													2	1														32	16	*	16	1	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	102
TOTAL													4	1					1								32	16	-	16	1	12	-	-	-	-	-	-	1	-	2	5	8	1	5	3	3	-	-	-	-	2	127	

Fonte de dados brutos: Livro de batizados de Franca

A NATALIDADE ESCRAVA

O NEGRO ESCRAVO E O MULATO ESCRAVO

A localização geográfica de nosso país, em relação à Costa Africana, proporcionou como se sabe, uma determinada facilidade para tornar-se um centro de comércio escravagista. Se de um lado havia essa facilidade, de outro, o país precisava de agricultura, e os donos de terra, de braços para a lavoura, e nesta medida os dois fatores se conciliavam.

Sabe-se bem que o lucro era o objetivo simples e imediato que envolvia essa transação, a qual se efetivou por muito tempo. Na interpretação de alguns, ⁽¹¹⁾ porém, seus promotores a envolviam com uma grande atenuante filantrópica, lembrando a existência na África de milhares de pobres negros, aprisionados em guerras entre tribos, e que muitas vezes eram torturados e sacrificados, se não fossem resgatados a tempo. Assim, colocavam-se na meritória posição de enviar navios para libertar esses pobres cativos pagãos e trazê-los para tornarem-se cristãos pelo batismo, e auxiliar em seus trabalhos. Era desta população, vinda diretamente da África, chegada aos portos brasileiros e encaminhada para as sedes das províncias e seus interiores, que descendiam os elementos escravos, cujos batismos foram registrados na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca.

O negro escravo, tem registrado 2.050 nascimentos, para a faixa de tempo de 50 anos, de 1800 a 1850. (Tabela 4). Esta quantidade numérica mostra-se como a segunda maior natalidade, num decréscimo bastante grande em relação aos brancos, e isto, através de uma observação para todo o período.

Os resultados da tabela 4, demonstram uma

TABELA 4
 NEGRO ESCRAVO
 ANO DO NASCIMENTO E SEXO
 1800/ 1850

ANO DO NASCIMENTO SEXO	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	TOTAL
MASCULINO	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-	2	6	6	9	2	11	11	19	12	16	22	16	34	32	28	23	7	15	17	34	27	-	13	20	36	47	33	41	33	40	36	46	39	36	31	13	27	38	36	35	25	978
FEMININO	-	-	-	-	-	-	1	-	2	4	1	8	6	5	7	11	11	19	16	20	24	24	25	23	23	31	11	17	16	42	28	-	20	24	32	42	38	40	42	39	53	42	34	45	45	11	43	46	37	32	32	1.072
TOTAL	-	-	-	-	-	-	4	-	3	4	3	14	12	14	9	22	22	38	28	36	46	40	59	55	51	54	18	32	33	76	55	-	33	44	68	89	71	81	75	79	89	88	73	81	76	24	70	84	73	67	57	2.050

Fonte de dados brutos: Livro de batizados de Franca.

superioridade numérica de 94 indivíduos, para o sexo feminino, com 1.072 nascimentos ou 52,99% do todo. O sexo masculino por sua vez, compõe-se de um total absoluto de 978 nascimentos, ou 47,01% do total. Estes resultados levam a expectativa de uma taxa relativamente baixa de masculinidade entre os negros escravos.

Em treze anos, distribuídos alternadamente, entre 1800 a 1850, vê-se a natalidade masculina dessa população, superar a feminina. São eles: 1806, 1813, 1822, 1823, 1824, 1828, 1834, 1835, 1837, 1839, 1841, 1842, 1849.

Os anos em que se deram os maiores números de nascimento do negro-escravo, numa somatória entre os dois sexos, foram: 1835, com 89 nascimentos; e com igual número, 1840, decrescendo para 88 em 1841. Os demais anos mantiveram para o período, um movimento sequente de acréscimo e decréscimo em alternância.

A quantificação dos nascimentos de escravos, nos reporta, além de outros aspectos, à desorganização da família negra, proporcionada pela própria escravatura, cujos interesses intrínsecos muitas vezes destruíam o incentivo ao casamento instituído dentro dos padrões religiosos.

Essas uniões, contrárias às normas da religiosidade, é que muitas vezes fizeram surgir na sociedade escravocrata o mulato que, conseqüentemente, era na maioria das vezes também escravo.

A população mulata-escrava, era numericamente maior, em termos da natalidade, do que a população mulata livre, possuindo um total de 177 nascimentos para o período estudado. (Conforme tabela 5). Neste caso, o número de nascimentos masculinos ultrapassa em 47 os femininos. Assim sendo, aparecem 112 nascimentos de homens e 65 de mulheres, ou respectivamente, 63,27% e 36,72% do total desse cento, rela-

tivo à população mulata escrava.

Observando-se, ainda pela mesma tabela, todo o período, percebe-se apenas um ano: 1827, no qual aparece uma diferença realmente significativa, a mais para o elemento feminino. Neste ano, nasceram 22 indivíduos do sexo feminino e 1 apenas do masculino.

O comportamento da natalidade para o mulato-escravo, manteve-se num relativo equilíbrio para todo o período estudado. Apenas algumas exceções registram um aumento; tal é o caso dos anos de 1828 com 13 nascimentos, 1826 com 17, 1830, também com 17, 1832 com 19 e finalmente o ano da maior natalidade para esse grupo de população foi 1827.

É este então o quadro da natalidade escrava, de acordo com os segmentos sociais naturais da época: mulato-escravo e negro-escravo.

O maior número de nascimentos, é claro, deu-se entre o negro-escravo, (2.050) o que já era de se prever, devido contar este com uma população bem maior.

ANÁLISE COMPARATIVA DA NATALIDADE ESCRAVA E LIVRE

Quando se estuda o vento da natalidade, dois aspectos ressaltam desde logo, para que sejam ponderados nas conclusões.

Refere-se o primeiro ao problema do sub-registro. Sabe-se ser fato conhecido o debatido entre especialistas da matéria, a existência de grandes lacunas no registro de nascimento por eles provocados. (12)

O segundo aspecto, trata-se do problema do nascido morto. Sua conceituação é logicamente oposta à do nascido vivo, que segundo Ruy Laurenti, conforme a definição da Organização Mundial da Saúde, "é o produto da concepção, que independente da duração da gravidez, depois de expulso ou extraído completamente do corpo da mãe, respire ou dê qualquer outro sinal de vida, tais como batimentos cardíacos, pulsações do cordão umbilical ou movimentos efetivos dos músculos de contração voluntária, quer tenha ou não sido cortado o cordão umbilical, esteja ou não desprendida a placenta." (13)

Em contrapartida, chama-se de perda fetal a morte do produto da concepção antes da expulsão ou extração completa do corpo da mãe, independente da duração da gestação. O critério de tempo foi usado entretanto para classificar as perdas fetais em precoces (com menos de 20 semanas) - intermédias (de 20 a 27 semanas) - e tardias (com 28 ou mais semanas de gestação)-. Os dois primeiros grupos foram reunidos sob o nome genérico de "aborto" e o das perdas tardias constitui o dos "nascidos mortos". (14)

Tanto o sub-registro de nascimentos como a falta de precisão conceitual do nascido vivo (para a época estudada) e ainda a não especificação do nati-morto nos regis

tros eclesiásticos de Franca, deixam uma lacuna que infelizmente não encontramos meios de sanar. Não existem dados.

Estas e outras falhas, advindas da própria tipologia da documentação em apreço, são observadas. O restante porém, de uma série de informações, justificam e precisam em vários outros ângulos importantes, outros dados que necessitam ser ainda explorados em nossa história.

Em termos da natalidade, a Freguesia e depois Vila de Franca, contou com um total geral de 10.574 nascimentos para todo o período estudado e concernente a todos os segmentos populacionais: o branco, o negro-livre e escravo e ainda o mulato, livre e escravo.

A tabela 6 nos revela os anos em que se deram as maiores incidências da natalidade. Foram eles: 1842, com 405 nascimentos; 1841, com 394; 1844, com 390; 1835, com 389; 1843, com 382; 1847, com 363; 1840, com 359 e 1839, com 346. O restante dos anos mostraram-se num crescendo progressivo, com pequenas alternâncias, até chegar a 405 nascimentos em 1842, indicando a maior natalidade para todo o período, continuando numa faixa moderada com duas quedas significativas que se deram no ano de 1845 com 165 e 1850, com 282.

Para todos os anos estudados, houve em Franca maior número de nascimentos para o elemento branco. Observa-se por exemplo o ano de 1842, acusando 405 nascimentos, dos quais, 328 são relativos aos brancos, que também tiveram seu mais alto número de nascimentos, relativo a todo o período, exatamente neste ano. Os 328 nascimentos brancos, foram então, apenas somados a 73 negros-escravos, 3 negros-livres, e apenas 1 mulato-livre. É como neste, em outros anos foi também o branco o determinante das maiores natalidades.

Essa maior fecundidade constatada para os brancos, deveu-se entretanto, ao fato de que eram eles os

mais numerosos, em termos de seu total populacional.

Num estudo de natalidade e mortalidade, é imprescindível que se conheça as informações existentes sobre a população, ainda que sejam incompletas.

Dos cinquenta anos pesquisados, apenas 17 anos dispersos pelo período todo, apresentavam dados sobre a população. Foram os dados deste 17 anos que possibilitaram uma visão geral e melhorada da realidade populacional de Franca em seu conjunto.

Desta forma, conforme as tabelas 6 e 7, o branco, que apresentou um total de nascimentos avaliado em 8.166 indivíduos para 50 anos, em 17 anos destes 50, contou com uma população total de 21.504 pessoas. O preto-cativo foi o segundo numericamente maior em termos de natalidade, com 2.050 para o mesmo período de 50 anos; em 17 anos obteve uma quantidade de 12.513 indivíduos. A terceira quantidade maior para os nascimentos deu-se para o mulato-escravo, com um total absoluto de 177; porém, sua população total, também referente a 17 anos, não foi a terceira em quantidade; contou com um total de população, minguação, se o relacionarmos com os outros segmentos de população; contou apenas com 1.995 pessoas para os 17 anos e 177 nascimentos para os 50 anos. Por outro lado, o mulato-livre, que contou com um total populacional de 9.143, teve apenas 127 nascimentos (sendo ainda, a população relativa a 17 anos e a natalidade a 50 anos). A mais baixa quantidade de nascimentos deu-se em correspondência ao mesmo grupo de população que identificou-se como menor; trata-se do negro livre, com 328 elementos em 17 anos e apenas 54 nascimentos em um período de meio século.

For constituir o branco a maioria da população, também na tipologia dominante do sexo foi ele o principal determinante. Embora apenas o mulato-escravo tenha aparecido em concorrência com o branco, no que se refere ao número

TABELA 6

BRANCO; NEGRO: ESCRAVO E LIVRE; MULATO: ESCRAVO E LIVRE

ANO DO NASCIMENTO E CONDIÇÃO SOCIAL

1800 - 1850

ANO DO NASCIMENTO CONDIÇÃO SOCIAL	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	TOTAL	
BRANCOS						2	29		52	61	59	101	104	120	126	122	85	123	112	130	137	129	158	147	180	205	209	225	186	282	227	23	241	218	234	292	226	248	251	265	263	292	328	296	309	138	236	279	247	241	223	8166	
NEGRO ES CRAVO						4		3	4	3	14	12	14	9	22	22	38	28	36	46	40	59	55	51	54	18	32	33	76	55		33	44	68	89	71	81	75	79	89	88	73	81	76	24	70	84	73	67	57	2.050		
NEGRO LIVRE												1									1			1			3	1		2	3	1		9	1	6	5	3	1	1		2	6	3		2		1		1		54	
MULATO ES CRAVO									1	2	7	2	3	1	5	3	5	5	3	6	7	6	4	5	4	17	23	13	7	17		19	3	1	3	2	2	1															177
MULATO LIVRE												4	1							1								14	32	16		16	1	12						1		2	5	8	1	5	3	3			2		127
TOTAL						2	33		55	66	64	122	122	139	136	149	110	166	146	169	190	176	223	207	236	266	259	312	250	368	316	29	314	256	309	389	302	333	328	346	359	394	405	382	390	165	307	363	321	308	282	10.574	

Fonte de dados brutos: Livro de batizados de Franca.

TABELA 7
 POPULAÇÃO (referente a 19 anos)
CONDIÇÃO SOCIAL E SEXO

SEXO CONDIÇÃO SOCIAL	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
BRANCO	11.235	10.349	21.584
PRETO CATIVO	7.413	5.105	12.518
PARDO CATIVO	1.088	907	1.995
PRETO LIVRE	409	419	828
PARDO LIVRE	4.564	4.579	9.143
TOTAL	24.709	21.359	46.068

Fonte de dados brutos: Maços de população. DAESP.

maior de nascimentos para o sexo masculino, (conforme se pode ver pela tabela 8), o branco dominou as quantidades e no total geral de nascimentos, o sexo dominante foi o masculino. Desta forma, enquanto o branco teve uma diferença de 136 indivíduos a mais para o sexo masculino, o mulato-escravo teve apenas 47, e os demais apresentaram diferenças a favor do sexo feminino, pois neles a predominância do nascimento foi de mulheres. Assim, o negro-cativo teve 94 mulheres a mais que os homens; o como se sabe acontecia não apenas em Franca, mas, pode-se dizer em todo o país, como decorrência do regime escravista vigente.

Assim os dados revelaram que o evento da natalidade em Franca num período de meio século seguiu uma linha crescente, em relação ao princípio e meados do século XIX, mostrando as maiores natalidades por volta da década de 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- (1) Maria Luiza Marcílio. Os Registros Eclesiásticos e a Demografia Histórica na América Latina.
- neste artigo, a autora dá toda uma explicação sobre o início dos registros paroquiais na América.

- (2) A primeira tentativa de normalização das recomendações de Trento no Brasil, deu-se na Bahia, através de uma reunião de Bispos, apesar de que apenas compareceu o arcebispo Monteiro da Vide, que era a própria pessoa que havia convocado a reunião. Maria Luiza Marcílio. Op.cit.p. 3. O 5º arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide foi nomeado a 8.05.1701 e, sagrado a 21 de dezembro do mesmo ano e tomou posse a 22.05.1702.
Apolônio Nóbrega. Dioceses e Bispos do Brasil.

- (3) O Decreto nº 9886 de 7 de março de 1888 reformando o regulamento nº 5064 de 25 de abril de 1874, tira o encargo dos registros vitais, do âmbito da Igreja. A aplicação deste decreto, deu margem ao surgimento de várias reações:- O Presidente da Província de São Paulo, em 1875, explica a demora e as dificuldades de instalação em algumas Paróquias. Relatório apresentado pelo Exmo. Sr.Dr. Sebastião José Pereira, Presidente da Província à Assembléia Legislativa Provincial no dia 27 de julho por ocasião da abertura de sua Reunião extraordinária. p.50. O mesmo relatório, à p.51, conta-nos que em Campinas, o Juiz de Paz tentou impedir a execução do Decreto referido acima, aconselhando o povo a não cumprí-lo e a atirar os cadáveres a porta do cemitério, e justifica oficialmente sua atitude, dizendo que ninguém devia obedecer a lei, se não for aguilhoado pelo temor de uma pena, e estando sus pensa a parte penal do Decreto, ele era o primeiro a dar exemplo da desobediência.

- (4) Sérgio Buarque de Holanda. Visão do Paraíso.

- (5) J.T. Montalvão Machado. Como nascem e morrem os portugueses. p. 23

- (6) Entre outros, os seguintes trabalhos:
 J.T.Montalvão Machado. op.cit.
 Elza Berquó, M. Lucila Milanese, Ruy Laurenti. Estatística Vital.
 Ruy Laurenti. A investigação interamericana de mortalidade na infância em S.Paulo.
 Iraci Del Nero da Costa. Vila Rica: população (1719-1826).
- (7) Maria Luiza Marcílio. op.cit. p.161
- (8) Iraci Del Nero da Costa. op.cit. p.48 a 60
- (9) J.T. Montalvão Machado. op.cit. p.68
- (10) Maria Luiza Marcílio. op.cit. p.181
- (11) Daniel P. Kidder. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil. p.25
- (12) M.H. Silveira & M.L. Sobol. Sub-registro de nascimento.
 Sub-registro de nascimento, refere-se à criança que morre, antes de ser registrado o seu nascimento.
- (13) M.H. Silveira e Ruy Laurenti. Os eventos vitais: Aspectos de seus registros e inter-relação da Legislação vigente com as estatísticas de saúde. p.37
- (14) NACIONES UNIDAS. Departamento de Assuntos Econômicos.
Princípios para um sistema de estatísticas vitales.
- (15) José Chiachiri Filho. op.cit. p.137
- (16) Livros de batizados da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca.

PARTE TERCEIRA

MORTALIDADE EM FRANCA

MORTALIDADE DA POPULAÇÃO LIVRE

O estudo da mortalidade no passado, constitui um importante fator para análise e compreensão da dinâmica populacional através dos tempos.

Para épocas anteriores à elaboração dos censos, e dos registros civis, os chamados períodos pré e proto-estatístico, ⁽¹⁾ tornam-se bem mais difíceis tais explorações, dada a complexidade e dificuldade da existência de dados fidedígnos. Este fato, nos leva à busca de outra fonte: os registros paroquiais. É exatamente neste tipo de documentação, que se baseia prioritariamente esta tese sobre Franca.

Para o estudo da mortalidade em Franca (1800-1850) foram apurados 3.580 documentos, que abrangem atestados de óbito da população branca, negra livre e negra escrava. Deste total, 2.543 ou 71,04% correspondem à mortalidade da população branca, no período de 1800 a 1850. Do mesmo total, 27,31% ou 978 óbitos, pertencem ao negro-escravo, e apenas 1,65% ou 59 correspondem ao negro-livre.

Para analisarmos a mortalidade da população livre é necessário que se destaque os dados referentes aos brancos e aos negros-livres. Ambos fazem parte de uma população livre, porém a própria natureza diferenciada de cada um reclama uma análise em separado.

Tratando-se primeiramente da mortalidade do elemento branco, já nos ressalta, diante dos dados acima citados, sua grande diferença numérica ou percentual em relação aos outros grupos populacionais: negro-livre e negro-escravo. Nada mais simples nos ocorre para esta explicação além do fato de que na população total, o elemento branco em sua maioria europeu, era entre os três, o de maior predominância (no local enfocado), comportando então, uma maior mortalidade.

O BRANCO

A população branca do local em estudo demonstra para o período de 1800 a 1850, um movimento de mortalidade bem acentuado de acréscimo em alternância, verificando-se os maiores índices nos anos de 1838, 1816, 1847, 1841, 1850 e 1842 por ordem crescente. (Tabela 9)

Em uma pesquisa sobre mortalidade, torna-se necessário destacar-se o estudo da população jovem (de 0 a 20 anos) por ser a mais significativa dentro do que se refere à estrutura populacional. Isto porque, levando-se em conta a análise dos fatores que favorecem a manutenção e até mesmo a elevação da mortalidade em diversas áreas, conclui-se que ela pode ser um reflexo das condições sócio-econômicas e ambientais de uma localidade. A mortalidade branca jovem, (0 | - 20) na Vila Franca do Imperador, deu-se numa percentagem de 48,18% no período estudado de meio século. (Tabela 9)

Conforme os dados trabalhados na mesma tabela, a incidência maior de mortes, deu-se na faixa etária de 0 | - 1 ano, com uma diferença bastante significativa, em relação às demais idades, o que aliás, não é surpresa de acordo com estudos de Medicina Preventiva. O índice maior de mortes no início da vida, é explicado por diversas razões, que de algum modo têm sua correspondência no passado da Cidade de Franca. Do ponto de vista da Saúde Pública, haveria falta de imunização, inexistência de serviço neo-natal e pós-natal, tão necessários para os primeiros meses de vida, e além disso, a nutrição da mãe e da criança, ao que tudo indica, seria inadequada. Acrescente-se, ainda, a deficiência do Serviço Sanitário e os hábitos de higiene pouco aplicados. Na faixa etária de 1 | - 10 anos, há um decréscimo bastante grande, porém notificando um alto índice de mortes. Neste caso, às demais explicações soma-se o fato de que a idade do desmame aí está in-

TABELA 2

BRANCO

FAIXA ETÁRIA E ANO DA MORTE
1800-1850

ANO DA MORTE FAIXA ETÁRIA	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	N.H.I.	TOTAL
0 -1	-	-	-	-	-	-	-	3	6	6	3	9	5	6	-	3	13	16	14	15	12	30	11	17	14	22	11	2	19	27	15	4	6	4	2	1	2	20	33	21	12	37	30	5	13	8	22	25	26	4	30	-	602
1 -10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	9	10	3	1	1	3	15	18	7	9	9	11	3	6	4	13	3	6	17	23	7	6	2	5	5	-	4	11	17	19	12	29	37	4	4	7	19	32	17	5	29	-	444
10 -20	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2	2	1	6	4	-	11	4	2	5	5	5	2	1	1	3	6	4	4	4	1	1	1	4	3	7	5	4	7	1	2	13	11	5	5	6	8	1	3	8	7	-	179
20 -40	-	-	-	-	-	1	-	2	2	3	3	2	5	6	3	4	15	6	5	6	8	7	4	5	5	11	9	5	12	14	13	10	9	6	7	17	8	8	12	8	16	21	31	16	17	3	11	14	14	19	18	-	418
40 -60	-	-	-	-	-	-	1	-	-	4	1	4	4	2	5	2	12	3	-	7	4	9	10	3	3	5	4	3	11	2	4	15	10	13	9	5	7	7	10	5	10	10	16	7	17	9	10	8	14	15	16	-	216
60 -90	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	3	2	2	1	3	6	3	1	3	4	5	10	6	4	10	7	1	5	6	9	4	7	5	13	11	11	5	7	7	8	6	10	6	12	4	6	15	7	14	9	-	271
90 -100	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-	2	1	1	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	1	1	1	-	1	-	-	1	-	2	1	4	-	-	-	2	2	3	3	1	-	33
N. H. I.	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	1	-	-	2	5	6	27	14	5	17	14	15	19	11	11	21	15	1	6	1	-	-	3	2	-	2	1	9	3	5	5	9	6	4	5	1	5	3	2	4	5	-	260
TOTAL	-	-	-	-	-	2	1	5	11	22	19	30	21	25	19	21	97	66	35	63	56	82	59	49	44	85	56	22	74	77	49	41	39	40	39	44	38	64	90	66	67	126	145	47	73	38	63	100	86	72	115	-	2.543

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca.

cluida (1 | - 5) sendo que a criança torna-se enfraquecida e mais sensível a qualquer contágio.⁽²⁾ Sabe-se que nenhum leite oferece condições de digestibilidade e nutrição para uma criança como o da mãe.⁽³⁾ Nas idades de 10 | - 20 anos do elemento branco na Vila Franca percebe-se uma diminuição bem sensível numa percentagem de 7,03% do total de óbitos. Isto ocorre, pela resistência às más condições ambientais e à desnutrição. A faixa de 20 | - 60 anos, que engloba duas divisões etárias da tabela 9, possui significado de destaque num estudo de população, por englobar as idades produtivas e reprodutivas. Num total absoluto de 734 mortes ou 28,86% do universo de dados, verifica-se na região, um índice apreciável de mortalidade, prejudicial a um país que necessitava, antes de mais nada, de trabalhador. Por outro lado, de 60 a 90 anos, aparecem-nos um percentual de 10,65% dos 2543 brancos mortos num período de 50 anos, seguidos por 33 indivíduos na faixa de 90 a 100 anos. Destaca-se o fato de 5 indivíduos que morreram com mais de 100 anos, denotando uma alta longevidade para alguns indivíduos, demonstrando suas possibilidades de resistência a condições que se mostravam desfavoráveis e deficitárias à sobrevivência. Há ainda que anotar-se 280 óbitos que não trazem a informação das idades, e que estão espalhados pelos diversos anos do meio século em estudo. Este fato demonstra, apenas, mais uma vez, as falhas da estatística paroquial ainda numa fase em que uma preocupação suficiente com a sua precisão se fazia ausente.

A diferença entre óbitos masculinos e femininos do mesmo grupo de população até agora focalizado apresenta-se com um percentual de 15,61 a mais para o sexo masculino, num total correspondente a todo o período. (tabela 10). É bem conhecido, conforme já foi dito, que os homens são favorecidos no nascimento com um superavit de 5 a 6% sobre as mulheres; em contraposição, estas são favorecidas diante da mortalidade, pois ela atinge de preferência os homens, com um

TABELA 10
BRANCO
FAIXA ETÁRIA E SEXO
1800 - 1850

FAIXA ETÁRIA SEXO	0 - 1	1 - 10	10 - 20	20 - 40	40 - 60	60 - 90	90 - 100	N.H.I.	TOTAL
MASCULINO	360	232	85	213	171	155	21	233	1.470
FEMININO	278	203	91	197	141	112	11	40	1.073
N.H.I.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	638	435	176	410	312	267	32	273	2.543

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito do Município de Franca.

excesso de 4 a 5%.⁽⁴⁾

À título de uma visão geral comparativa, pode-se observar que às vésperas da Independência, o Brasil contava com um total de população calculado em 1746300⁽⁵⁾ pessoas. Neste mesmo período, a cidade de São Paulo, contava com 25.486⁽⁶⁾ habitantes, e a Vila Franca, com 2.231.⁽⁷⁾ Os migrantes mineiros que vieram para Franca, eram provavelmente aqueles que, por algum motivo, buscavam uma vida melhor.⁽⁸⁾ Quando aqui chegavam, ao principiar o século XIX, não eram mais, em sua grande maioria, mineradores cuja preocupação convergia inteiramente para o ouro. Estavam, na verdade, preocupados com agricultura e criação, e vinham em busca de terras férteis e boas pastagens. O lugar de procedência do migrante, funciona para ele, como "polo de expulsão,"⁽⁹⁾ envolvendo na maioria das vezes, aspectos negativos à sua sobrevivência e por isso ele se retira. Este é o caso daqueles que provinham das Vilas Diamantina e do Príncipe,⁽¹⁰⁾ cujos habitantes foram acometidos de um flagelo qualificado na época, como terrível, a fome, produzida por secas extraordinárias. Enquanto alguns sucumbiram inanimados, outros abandonaram casas e fazendas, indo com suas famílias procurar alívio em lugares que vislumbrassem alguma esperança. Como estes, outros indivíduos aqui se encontravam, vindos de lugares insalubres e de difíceis condições de vida. Chegavam em estado de desnutrição, bastante vulneráveis, portanto, ao contágio de epidemias, e frágeis diante de qualquer moléstia, que os pudesse atacar. Entre outras tantas, essa talvez, seja uma das explicações para um índice tão alto de mortalidade enquadrado na classificação de Doenças Infeciosas e Parasitárias. (Tabela 11). Para o trabalho com os dados sobre a "causa-mortis", foi necessária a utilização da "Classificação Estatística Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbito, da Organização Mundial de Saúde", em sua edição de 1965,⁽¹¹⁾ e da atualização da nomenclatura de acordo com Lycurgo Santos Filho.⁽¹²⁾ Desta forma,

as causas de óbitos, foram agrupadas em 10 categorias. (Colocou-se entre parênteses a nomenclatura encontrada nos Códices da Organização Mundial de Saúde).

- I. Doenças Infecciosas e Parasitárias: Coqueluche (vômica); Difteria (garrotilho); Disenteria (disenteria); Febre Recorrente (febre maligna, febre podre); Icterícia (icterice); Lepra (lázaropra); Tuberculose Pulmonar (deitando sangue pela boca, tísica); Outras Tuberculoses (tubérculo); Tumor Maligno (cancro).
- II. Doenças do Sistema Nervoso e dos Órgãos dos sentidos: Deficiência Mental (doido ou mentecapto); Epilepsia (gota coral); Paralisia (parlezia, estupor).
- III. Doenças do Aparelho Circulatório: Aneurisma (aneurisma).
- IV. Doenças do Aparelho Respiratório (exceto tuberculose pulmonar): Asma (defluxo asmático); Empiema (empiema); Laringite Aguda (esquinência); Pneumonia (pleuriz); Outras doenças do aparelho respiratório (defluxo, defluxo no peito, inflamação do bofe).
- V. Doenças do Aparelho Digestivo: Hidropsia (hidropsia); Obstrução intestinal e hérnia (obstrução, volvo, constipação, quebradura).
- VI. Doenças do Aparelho Geniturinário: Anúria (rentegão de urina); Hemorragia uterina (de um froxo).

- VII. Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo: Morféia (morfea); Grangrena (grangrena); Abscessos (postema, apostema); Sarnas (sarnas recolhidas).
- VIII. Doenças do Sistema Osteomuscular: Reumatismo não especificado (reumatismo).
- IX. Sintomas e Estados mórbidos mal definidos: Apoplexia (apoplexia); Cólica (colica); Entrevada (entrevada); Hemorragia de sangue (hemorragia de sangue).
- X. Acidentes, Envenenamentos e Violências: Afogamento (afogado); Acidentes devidos a fatores ambientais (picado de cobra); Soterramentos.

A utilização desta classificação foi a mais indicada forma de manipulação dos dados que possibilitou a caracterização do Município de Franca, quanto à Mortalidade. Analisando a tabela 11 relativa ao branco, nota-se uma grande predominância, conforme já foi dito, para o grupo Infecciosas e Parasitárias, com 1031 vítimas, seguida pelas Mal Definidas, com 379, num percentual respectivamente de 40,54% e 14,90%, do total de 2543 brancos, mortos no período. Estes grandes percentuais, podem também ser explicados pela falta de assistência médica. E aqui é bom lembrar que, conforme já consta no primeiro capítulo deste trabalho, nos três primeiros séculos de existência do Brasil, a Medicina era precaríssima, devido sobretudo à deficiência de médicos, pois eram raros os que vinham de Portugal, a não ser os poucos contratados pelo Rei. Só em 1808 iniciou-se aqui o ensino oficial da Medicina, de forma rudimentar, com a criação das duas "escolas de cirurgia", da Bahia e do Rio de Janeiro, transformadas em Faculdades de Medicina em 1832. Não eram porém, apenas a

precariedade médica, a responsável por índices altos de mortalidade. Contribuíram também para isto, as condições habitacionais deficitárias, e ainda, maus hábitos alimentares.

A questão da alimentação, principalmente nas classes pobres e rurais, é antes de tudo, um problema mais de quantidade que de qualidade alimentar.⁽¹⁴⁾ É interessante notar que, nos Relatórios Imperiais⁽¹⁵⁾, nada há que demonstre alguma preocupação com isto. Por outro lado, é quase que constante o registro de atitudes que tentavam combater as enfermidades de caráter endêmico ou epidêmico, que se manifestavam em todo interior de São Paulo. Esta situação é marcada por um contra-senso, pois sabe-se que o combate às infestações não pode prescindir do concurso de uma alimentação adequada do ponto de vista tanto qualitativo como quantitativo.

O percentual seguinte, em ordem decrescente, é encontrado nas Doenças do Aparelho Respiratório, com 5,81% relativo a 148 mortes. Essas doenças, ligadas a respiração, podem talvez ser explicadas pelas condições do clima, e a necessidade de adaptar-se a ele por parte dos habitantes que vinham de outro lugares.

As Doenças do Aparelho Digestivo, foram causa de 140 mortes entre o elemento branco. Nesta categoria a doença que mais apareceu foi Hidropisia. A imprecisão da etiologia deste estado mórbido, impossibilita qualquer tentativa de análise.

Os falecimentos causados por Doenças da Pele e do Tecido Celular Subcutâneo vitimaram um total de 58 indivíduos, não havendo nenhuma doença desta categoria, com destaque quantitativo especial.

As Doenças do Aparelho Geniturinário, englobam um total de 48 óbitos, que envolve em sua quase totalidade, casos específicos de aborto, e mortes no momento do par

TABELA 11
BRANCO
FAIXA ETÁRIA E CAUSA-MORTIS

1800 - 1850

FAIXA ETÁRIA \ CAUSA MORTIS	0 - 1		1 - 10		10 - 20		20 - 40		40 - 60		60 - 90		90 - 100		NHI		SUB TOTAL		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	160	166	140	100	44	39	99	50	60	23	30	30	2	-	88	-	623	408	1.031
DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E ORGÃOS DO SENTIDO	1	8	2	1	3	3	-	9	-	2	-	-	-	-	2	-	8	23	31
DOENÇAS DO SISTEMA CIRCULATORIO	1	-	-	-	3	1	-	2	2	1	1	-	-	-	1	-	8	4	12
DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATORIO	69	9	5	24	3	7	7	2	4	8	1	1	-	-	5	3	94	54	148
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO	-	-	-	-	15	-	32	7	21	20	20	25	-	-	-	-	88	52	140
DOENÇAS DO APARELHO GENITURINÁRIO	-	-	-	-	-	13	-	34	-	1	-	-	-	-	-	-	-	48	48
DOENÇAS DA PELE...	3	2	2	3	4	7	5	3	4	5	6	4	2	1	6	1	32	26	58
DOENÇAS DO SISTEMA OSTEO-MUSCULAR	-	-	-	-	-	-	15	18	10	14	16	9	3	-	-	-	44	41	85
SINTOMAS E ESTADOS MÓRBI-DOS MAL DEFINIDOS	71	30	46	17	3	1	24	30	30	20	24	12	3	1	56	11	257	122	379
ACIDENTES, ENVENENAMENTOS E VIOLÊNCIAS	2	4	1	-	5	4	7	1	2	8	4	2	1	-	5	1	27	20	47
N.H.I.	53	59	36	58	5	16	24	41	38	39	53	29	10	9	70	24	289	275	564
TOTAL	360	278	232	203	85	91	213	197	171	141	155	112	21	11	233	40	1470	1073	2.543

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franco.

to. Este fato denota, não apenas a falta de assistência médica, como ainda a ausência de um serviço pré-natal tão necessário ao bem estar da mãe e da criança.

A classificação de Acidentes, Envenenamentos e Violência, num total de 47 indivíduos, mostra que a ecologia local parece ter de alguma forma contribuído para o aumento do índice de mortalidade, principalmente pelo fato de que, na maioria dos casos, o acidente constatado foi mordida de cobra.

Sob a categoria de Doenças do Sistema Nervoso e dos Órgãos dos Sentidos, com 31 mortes e Doenças do Sistema Circulatório, com 12, estão os menores percentuais de morte para o branco, num período de meio século.

Merece uma atenção especial, devido seu elevado conteúdo numérico, e por isso mesmo é que incluímos nas tabelas, o item Não há Informação, significando o registro de mortes que não contam com informação de suas causas. Agrupam-se num total absoluto de 564, ou num percentual de 22,17 do total. Esse número volumoso de atestados de óbito sem a causa-mortis, comprova, mais uma vez, a falta de precisão da estatística vital, justificada talvez por uma fase paroquial, onde era elaborada por pessoas que pouco compreendiam sua importância.

É interessante notar, ainda na mesma tabela, a quantificação da mortalidade correspondente à faixa jovem da população. Os maiores índices das Doenças Infecciosas e Parasitárias e das Mal Definidas encontram-se nas idades menores. Assim, para as primeiras temos um total absoluto de 649 mortes nas idades de 0 — 20 anos, significando um percentual de 62,94 do total de mortes dentro desta classificação. Para as seguintes, (mal definidas), o total de indivíduos mortos na faixa etária de 0 — 20 é de 168, numa percentagem de 44,32 em relação ao total desta mesma classificação, num apa-

nhado geral para todas as idades. Pode-se observar que num total absoluto de 2543 mortes de indivíduos brancos, de todas as faixas de idades, 1249 mortes pertencem apenas as faixas de 0 |— 20, demonstrando um percentual de mortalidade bem mais alto, para essa idades, num índice relativo de 49,11% do total de óbitos. Nota-se também um aglomerado percentual na primeira faixa (0 |— 1), num total de 638 mortes, ou 51,08% do total correspondente de 0 |— 20 anos. A mortalidade de crianças, principalmente a mortalidade infantil (0 |— 1), é um reflexo das condições sócio-econômicas e ambientais de uma área. (16)

Na análise da causa-mortis da população branca, chama a atenção a grande incidência de "Febre". De 1813 a 1850, todos os anos apresentaram casos desse estado mórbido. Os anos em que se apresentam com a maior incidência porém, são os de 1841, que em 126 mortes, 66 foram causadas por febres; 1842, com 145 mortes, das quais 47 são febres; 1850, com 115 mortes sendo 42 causadas por febres. E outros anos, nos espaço de todo o período, apresentam casos de semelhante "causa-mortis" conforme o Gráfico III Neste gráfico, constam apenas os casos em que registrou-se "Febres" porém, em vários outros, apareceram: febre maligna, febre podre, febre biliosa, febre interna, febre nervosa, febre catarral e éthica. A causa-mortis atestada apenas como febre, deixa dúvidas quanto a sua especificação, porque sabe-se que além de se contar com a imprecisão do diagnóstico, o escrivão da paróquia, também tinha possibilidades de falhas em sua função, o que exige, um cuidado especial de análise. Assim, observa-se que, juntamente com os casos de febres, aparecem casos especificados de maleitas e sezões, o que levaria a pensar que esta Febre significaria, uma epidemia apenas de MALÁRIA. (17) Esta suposição porém, é invalidada quando muitas vezes, para os mesmo anos, aparecem vários casos de febre icteróide e febre biliosa. O fato é que, por um largo período de tempo, na primeira metade do século XIX, a população de Franca, foi acometida por fe-

GRÁFICO I I I

BRANCO, NEGRO ESCRAVO, NEGRO LIVRE

FEBRES - 1800 / 1850



Forte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca

bres, que matavam pessoas em todas as idades mas atacavam principalmente as crianças, e provocavam, com maior incidência a mortalidade infantil, ou seja, crianças na faixa de 0 | - 1 ano. Aliada então, às deficientes condições de saúde pública, em geral, torna-se bastante clara a presença de epidemias na ambiência estudada. Este quadro tinha sua correspondência, em toda a Província de Minas Gerais, principalmente no ano de 1838, ⁽¹⁸⁾ quando socorros públicos eram lá prestados às vítimas que eram acometidas de febres. E tem-se notícias de que o flagelo era mais geral ainda: as autoridades administrativas em 1840, mostravam-se surpresas, pelo fato de que a Capital do Império ainda não havia sido tomada por enfermidades mortíferas, que frequentemente se desenvolviam em outros países, ⁽¹⁹⁾ e diversos lugares do Império. Tão amedrontador era o alastramento de tais doenças, que foi estabelecida na Corte, uma junta da Instituição Vaccínica. Os resultados da vacinação porém não foram dos melhores, ou por desleixo da população pouco informada a seu respeito, ou por problemas outros que os fizeram retirar-se do local de vacinação ou pela simples rejeição da vacina, numa atitude preconceituosa e ignorante, privando principalmente as crianças, que eram as mais vulneráveis aos contágios, desta terapêutica de prevenção. Para São Paulo, a vacinação se propagava na capital, e apenas em algumas Vilas como Atibaia, São Roque, São Vicente, e isto por volta de 1841. Foi nesta mesma época que o governo foi avisado de ter aparecido no Chile, uma epidemia não pouco perniciosa e na falta de informações sobre a natureza e tratamento da enfermidade, limitou-se a recomendar a execução de medidas policiais de cautela, para obstar a comunicação entre os dois países. ⁽²⁰⁾

Assim, o quadro geral da mortalidade branca de 1800 a 1850, delineia-se dentro de uma ambiência propícia a doenças, envolvendo inclusive epidemias, que apareceram englobadas na classificação de Doenças Infecciosas e Parasi-

tárias, como é por exemplo, o caso de febres, e caracterizavam o que chamamos de Malária ou Maleita. Não eram porém, somente as epidemias que maltratavam o nosso habitante e trabalhador. Doenças mais simples em relação à sua cura, doenças que poderiam ser combatidas apenas pela melhoria de alimentação e hábitos de higiene, atingiam fortemente a população na Freguesia, depois Vila Franca, em todo o período da primeira metade do século XIX.

Chamam também a atenção os índices correspondentes às idades de 20 — 40, que têm uma conotação especial em estudos demográficos, pela sua peculiaridade de significar a faixa produtiva e reprodutora de uma sociedade. Também nessa faixa os índices se mostram altos para Franca, (tabela 11) suscitando uma indagação quanto à sua interferência na vida sócio-econômica local.

O NEGRO LIVRE

Num total de 3580 atestados de óbito da população de Franca, no período de 1800 a 1850, apenas 59, pertencem ao negro-livre. Sua situação, como se sabe, apresentava-se como uma exceção ao regime vigente.

No que diz respeito à mortalidade, o negro, e no caso, o negro livre, trazia consigo maiores facilidades de adaptação ao clima quente do que o branco europeu. O que a uns tornava vulneráveis às enfermidades, a outros legava resistências.

A análise da mortalidade negra-livre, por ano, (tabela 12) é pouco significativa, devido à sua própria demonstração de índices bem baixos de falecimentos. Fato interessante, e que confirma a resistência do negro-livre a morbididades, endemias e epidemias, é que a faixa etária que apresentou maior número de mortes foi a de 60 — 90 anos com 26

TABELA 13
 NEGRO FORRO
 FAIXA ETÁRIA E CAUSA-MORTIS
 1800 - 1850

FAIXA ETÁRIA CAUSA MORTIS	0 1		1 10		10 20		20 40		40 60		60 90		90 100		NHI		SUB TOTAL		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3	3	4	-	-	-	-	5	8	13
DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E DOS ORGÃOS DO SENTIDO	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	-	-	4	-	4
DOENÇAS DO SISTEMA CIRCULATORIO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1
DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATÓRIO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	4	3	-	-	-	-	6	3	9
DOENÇAS DO APARELHO GENITURINÁRIO	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3	3
DOENÇAS DA PELE E DO TECIDO CELULAR SUBCUTÂNEO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1
DOENÇAS DO SISTEMA OSTEO-MUSCULAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2	2
SINTOMAS E ESTADOS MORBIDOS MAL DEFINIDOS	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	2
ACIDENTES, ENVENENAMENTOS E VICIÊNCIAS	-	-	-	-	1	-	2	-	3	-	1	-	-	-	-	-	7	-	7
NÃO HÁ INFEREÇÃO	2	-	1	-	-	-	1	-	1	2	5	-	-	-	1	3	11	5	16
TOTAL	2	-	1	1	1	1	5	2	8	8	17	9	-	1	1	3	35	24	59

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca

TABELA 14
 NEGRO LIVRE
SEXO E FAIXA ETÁRIA
 1800 - 1850

SEZO	FAIXA ETÁRIA							N.H.I.	TOTAL
	0 - 1	1 - 10	10 - 20	20 - 40	40 - 60	60 - 90	90 - 100		
MASCULINO	2	1	1	5	8	17	-	1	35
FEMININO	-	1	1	2	8	9	1	3	24
N.H.I.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	2	2	1	7	16	26	1	4	59

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca

mortes ou 44,6% do total de negros livres mortos em todo o período. Em seguida, o número maior de mortes foi somado em 16 e corresponde à faixa de 40 — 60, num percentual relativo ao total de 27,11%. Estes foram os índices mais significativos seguidos por outros bem menores conforme a demonstração constante na mesma tabela.

Quanto à tipologia das morbidades que mais atacavam o negro livre, levando-o à morte, (tabela 13) temos as Doenças Infecciosas e Parasitárias, com um número de 13 num total absoluto, seguidas por Doenças do Aparelho Digestivo com 9, Acidentes, Envenenamentos e Violências, com 7, Doenças do Sistema Nervoso com 4, e Doenças do Aparelho Genituri-nário com 3. Há de se ressaltar o grande índice de atestados, em número de 16, que não trazem informação sobre a causa-mortis, confirmando novamente a falha da elaboração estatística e até significando um alerta ao total geral de mortes do negro livre, cabendo então uma indagação da sua real quantidade. Todas estas e outras possíveis falhas, há porém de levar-se em conta, quando se analisar a população da época, observando-se o total da população negra livre, contando-se com todas as imprecisões próprias de um estudo como este.

Quanto à mortalidade por sexo, deste grupo de população, o maior número absoluto encontrado foi de 35 para o sexo masculino, correspondendo mais uma vez a maior mortalidade para este sexo (tabela 14). O sexo feminino, por sua vez, englobou um total de 24 óbitos, com um percentual menor de 18,70 mortes. Há ainda a se notar que para ambos os sexos, a maior mortalidade é confirmada para a faixa de 60 — 90 anos. Para o sexo masculino, nestas idades, aparece um total absoluto de 17 mortes, enquanto que para o feminino encontra-se apenas 9, embora seja ele o maior total numérico encontrado para este sexo.

Assim, a mortalidade da população negra

livre teve suas correspondências com a população branca. O que se observa mais facilmente é que ambas tiveram um maior número de mortes, para o sexo masculino e também, um dos maiores índices quanto à causa das mortes, foi para as Doenças Infecciosas e Parasitárias. Nota-se porém uma sensível diferença numérica, ou percentual para a tipologia Sintomas e Estados Mórbidos Mal Definidos. Esta categoria tem grande representatividade para a população branca do período em estudo, enquanto para o negro-livre ela permanece praticamente ausente. Outro fato curioso é o não aparecimento de epidemias que, pela presença marcante na população branca, era de se esperar que acontecesse para toda a população, atacando o negro livre, o que não aconteceu.

O NEGRO ESCRAVO

Mesmo vista através da mortalidade, a escravidão marcou nossa História. Em algumas regiões, o escravo negro constituiu mão-de-obra exclusiva desde os primórdios da Colônia.⁽²¹⁾ Durante mais de três séculos foi utilizado o seu trabalho, embora muitas vezes com maior ou menor intensidade, tomando porém, quase todo o período colonial. Trabalhando nos canaviais, depois nas minas de ouro, nas cidades, nas fazendas, o negro significava um importante instrumento de trabalho. O escravo foi figura familiar na paisagem colonial, quer através da derrubada de matas, que no roçar de plantações, ou mesmo em inúmeras outras atividades das quais participava. Para a mentalidade colonial da época, o negro cativo não figurava apenas como mão-de-obra; significava também status, legava importância a quem o possuía. E isto pode ser constatado, por épocas, em que o cidadão era avaliado pelo séquito de escravos que com ele saía às ruas. Os hábitos e a legislação favoreciam essa situação. Prova disso é que concediam-se sesmarias a quem tivesse certo número de pretos. A pos

se de escravos conferia distinção social. (22)

A população escrava distribuía-se irregularmente, sendo em alguns pontos mais concentrada, como era o caso de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A distribuição da população cativa pode-se dizer que seguia as fases econômicas das localidades.

No caso de São Paulo, que não tivera uma prosperidade comparável às áreas citadas, também ele conheceu o braço escravo, porém em bem menor escala, sem provocar grandes concentrações. A partir da descoberta do ouro nas Gerais e Mato Grosso, é que este quadro foi se modificando. As zonas de Mineração, vão gerar necessidades de um mercado produtor interno, que possa suprir-lhe a ausência de gêneros alimentícios. Assim, a atividade paulista foi modificada, uma vez que seus produtos eram para lá enviados, através dos próprios produtores. Sua mudança no setor econômico, provocou um afluxo maior de escravos para a região, o que não significava porém a possibilidade de equiparação de seu número, com o de regiões como Minas Gerais, Bahia ou Nordeste, pois isto, o tornaria insignificante.

No caso de Franca, uma região que ficou sendo paulista, por ser próxima "das gerais" não ocorreu o que se podia esperar, uma vez que também aí, o afluxo da população escrava, não foi grande, a ponto de gerar uma concentração, mas pode-se dizer que continha um número bem razoável em comparação relativa à população branca. (23)

Quanto à mortalidade, verificada no período de 1800 a 1850, parece pouco ter abalado sua estrutura populacional, durante todo o período. Apenas 978 mortes foram computadas. (tabela 15) É interessante notar-se que houve somente para a faixa etária de 0 - 1, um índice um pouco maior de óbitos de acordo com o que demonstra a tabela 15, num percentual de 23,92 do total, correspondente a 234 mortes em va-

TABELA 15
 NEGRO-ESCRAVO
SEXO E FAIXA ETÁRIA
 1800 - 1850

FAIXA ETÁRIA SEXO	FAIXA ETÁRIA							N.H.I.	TOTAL
	0 1	1 10	10 20	20 40	40 60	60 90	90 100		
MASCULINO	127	86	56	89	81	54	8	19	520
FEMININO	107	100	54	107	43	23	-	24	458
N.H.I.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	234	186	110	196	124	77	8	43	978

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de França.

lor absoluto. As outras faixas, de 1 | 60 anos, apresentam-se com totais mais ou menos equivalentes, não havendo uma grande concentração de mortes, em nenhuma faixa. Assim, os índices de mortalidade por faixa etária são os seguintes: nas idades de 1 | 10, 19,01%; 10 | 20, 11,24%; 20 | 40, 20,04%; 40 | 60, 12,67%; 60 | 90, 7,84%; 90 | 100, 0,81% e sem informação de idades com 4,39% do total de mortes. Por outro lado ao atentar-se para a mortalidade jovem, agrupada de 0 | 20, se a relacionarmos com a adulta de 20 | 100, percebe-se um índice bem maior para a população jovem, com 54,00% do total geral.

Os dados paroquiais referentes aos atestados de óbito revelam a maior quantidade de mortes, conforme a tabela 16, para os anos de 1821 com 43 óbitos, 1850 também com 43; 1838 com 46 mortes; 1842 com 48 e 1841, que figura como o ano em que se teve a maior mortalidade entre o elemento negro cativo, com 53 mortes.

A mortalidade negra cativa apresenta-se relativamente baixa, e isto pode ser comprovado através da comparação com totais populacionais.⁽²⁴⁾ Comparada com a mortalidade branca também torna-se inexpressiva. É porém digno de ser lembrado que nas viagens entre África e Brasil, várias vezes, irrompiam surtos epidêmicos, desfalcando profundamente a tripulação cativa. E essas epidemias eram resultantes de condições precárias em uma viagem tão longa. Chegavam muitas vezes doentes ou fracos e vulneráveis a qualquer moléstia, e outros ainda, acostumados com o clima quente, resistiam perfeitamente as moléstias. O tratamento que aqui recebiam, com raras exceções, era possivelmente um agravante para suas condições físicas.

Numa análise da causa-mortis desta população negra, conforme a tabela 17, o maior índice de mortes está entre aqueles em que os respectivos atestados não trazem informação sobre a causa das mesmas. Em número absoluto, apa-

TABLE 10
 NEGRO-ESGRAVO
 PAIXA ETÁRIA E ANO DA MORTE
 1800 - 1850

ANO DA PAIXA MORTE ETÁRIA	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	N.H.I.	TOTAL
0 1	-	-	-	-	-	-	3	4	1	-	2	1	2	1	2	9	4	5	13	5	19	13	10	6	4	7	13	10	3	6	-	-	4	3	2	-	4	13	6	7	10	6	-	7	4	6	6	7	1	5	-	234	
1 10	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	4	-	1	-	4	5	6	2	2	6	11	1	4	-	6	6	2	2	7	9	1	-	4	3	4	3	5	14	7	6	12	14	3	1	1	1	5	7	7	1	7	-	186
10 20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	5	-	2	4	2	4	-	4	1	5	7	6	3	3	3	1	-	1	2	3	3	2	-	3	2	10	9	4	2	1	6	1	4	1	2	-	110	
20 40	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	1	6	2	1	5	4	2	3	1	4	3	6	2	3	4	4	3	6	3	5	7	5	9	11	4	8	10	11	8	6	11	4	9	3	2	3	1	2	11	-	196	
40 60	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	1	2	2	-	1	3	2	-	-	1	3	-	1	3	2	4	4	5	5	-	5	-	5	3	4	3	2	2	1	4	5	4	4	8	5	3	7	5	1	11	-	124	
60 90	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	2	1	3	1	2	1	3	2	1	-	3	2	-	3	1	2	3	3	5	3	3	-	1	2	1	-	2	6	1	1	2	3	3	1	-	1	-	1	-	5	-	77	
90 100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3	-	1	-	1	-	-	-	-	-	8	
N.H.I.	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	1	-	1	1	-	-	-	5	1	1	2	4	1	2	9	2	2	-	43	
TOTAL	-	-	-	-	-	-	1	3	6	7	4	10	7	12	5	13	30	18	12	22	18	43	17	28	13	22	31	32	30	27	24	12	9	24	22	24	14	24	46	31	32	53	48	20	30	19	24	26	34	8	43	0	978

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de França.

rece um total de 356, significando 36,40% do total de 978 mortes. As Doenças Infecciosas e Parasitárias comportam o segundo maior índice, com 246 óbitos, ou 25,15% do total. A seguir, encontramos a categoria de Sintomas e Estados Mórbitos Mal Definidos, com 119 falecimentos ou 12,16% do total.

As febres atacavam o escravo negro, tanto as indefinidas como as outras acompanhadas dos adjetivos: podre, intermitente, palustre, escarlatina, conforme demonstrou o levantamento elaborado.⁽²⁵⁾ a partir, então deste dado, juntamente com o índice percentual das Doenças Infecciosas e Parasitárias, pode-se indagar sobre a qualidade das condições de sobrevivência na Vila Franca, uma vez que altos índices de Doenças infecciosas e parasitárias, e várias doenças que se enquadram em outras categorias, decorrem de condições ambientais precárias, da ausência de higiene necessária, ou ainda de deficiência sanitária e também de desnutrição. O índice maior correspondendo à população infantil ou seja, à faixa de 0 - 1, reforça o argumento acima exposto, uma vez que esta é a idade mais sensível a condições de difícil sobrevivência, podendo até, ser considerada a sua mortalidade como um indicador das condições sócio-econômicas e ambientais de uma área.⁽²⁶⁾ O que nos demonstra a tabela 17 é que de 0 - 1 ano de idade morreram 234 crianças, significando o maior número de mortes entre o restante das faixas etárias. A seguir, vem as idades de 1 - 10, com 186 casos de morte, confirmando então que a região não era tão salutar quanto parece à primeira vista, pois as idades de 1 a 5 anos, denominadas pela medicina preventiva como a "idade do desmame", também mostravam-se mais frágeis do que as outras, diante das enfermidades que atacavam fazendo perecer suas vítimas.

Quanto ao elemento masculino e feminino cativo negro, configura-se uma mortalidade maior para o elemento masculino, correspondendo então sua realidade com as

TABELA 17
 NEGRO ESCRAVO
FAIXA ETÁRIA E CAUSA-MORTIS
 1800 à 1850

CAUSA MORTIS \ FAIXA ETÁRIA	0 - 1		1 - 10		10 - 20		20 - 40		40 - 60		60 - 90		90 - 100		I.N.H.I.		SUB-TOTAL		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	50	42	35	33	12	11	10	20	10	7	8	-2	2	-	4	-	131	115	246
DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E ORÇÃOS DO SENTIDO	5	2	5	7	3	-	6	-	5	-	3	1	4	-	3	1	34	11	45
DOENÇAS DO SISTEMA CIRCULATORIO	-	-	1	-	1	1	2	7	3	1	4	1	-	-	-	-	31	10	21
DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATORIO	5	1	9	7	4	-	2	2	2	-	1	-	-	-	-	-	23	10	33
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO	-	-	-	-	-	-	5	-	3	-	3	-	-	-	-	-	11	-	11
DOENÇAS DO APARELHO GENITURINÁRIO	-	-	-	-	-	-	16	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	18	18
DOENÇAS DA PELE	-	-	1	2	-	-	5	1	4	1	4	-	1	-	1	-	16	4	20
DOENÇAS DO SISTEMA OSTEO-MUSCULAR	-	-	-	-	-	-	-	-	10	8	5	2	-	-	-	-	15	10	25
SINTOMAS E ESTADOS MÓBIDOS MAL DEFINIDOS	11	10	5	10	13	15	18	14	4	2	4	1	-	-	6	6	61	58	119
ACIDENTES, ENVENENAMENTOS E VIOLÊNCIAS	-	1	5	13	12	8	15	9	15	-	4	2	-	-	-	-	51	33	84
N.H.I	56	51	25	28	11	19	26	38	25	22	18	14	1	-	5	17	167	189	356
TOTAL	127	107	86	100	56	54	89	107	81	43	54	23	8	-	19	24	520	458	978

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de França.

teorias demográficas que apontam apenas exceções raras, para mortalidade feminina maior.⁽²⁷⁾ Assim, o índice encontrado para todo o período é, em números absolutos, avaliado em 520 ou 53,16% do total de cativos mortos, para o sexo masculino. Para o feminino, o percentual encontrado foi de 46,83, o que corresponde a 458 óbitos. Um aspecto interessante é o fato de que apenas em duas faixas etárias, é que o índice de mortes femininas ultrapassa as masculinas. Trata-se da faixa de 1 | - 10, que para o sexo masculino tem 86 casos mortais e para o feminino 100, numa diferença percentual de 1,43 em relação ao total geral de mortes, significando uma diferença de 14 óbitos em números absolutos. A outra faixa é a de 20 | - 40 com 89 óbitos para o sexo masculino e 107 para o feminino, apresentando uma diferença de 18. Esta diferença pode ser explicada por significar esta faixa de idades a fase reprodutora da vida,⁽²⁸⁾ e em se tratando de mulheres, pode-se observar que 16 causas do Aparelho Geniturinário, referem-se a casos de aborto, que se verificavam, provavelmente, por ausência quase que total de cuidados médicos, tanto para a mãe como para a criança que iria nascer.

O quadro delineado da mortalidade do negro cativo em Franca, dada a quantificação e a tipologia apuradas, sugere mais uma vez, a precariedade das condições ambientais a que a população local era submetida.

ANÁLISE COMPARATIVA DA MORTALIDADE DA POPULAÇÃO

LIVRE E ESCRAVA

O ano de 1804 marca o início de correntes migratórias mineiras para a Vila Franca, muito embora já em tempos anteriores a esta data as listas nominais já acusavam a origem mineira de alguns moradores. Sua quantidade porém tem uma conotação insignificante. Foi mesmo a partir de 1804, quando foi nomeado Capitão de Ordenanças do "Bello Sertam da Estrada dos Goyazes" Hipólito Antônio Pinheiro, que a presença do migrante vindo das Gerais fixa características de fluxo migratório, que vai tomando vulto cada vez maior no decorrer do primeiro quartel da décima nona centúria.

O fato é que o crescimento populacional se processa tanto antes como depois do afluxo da população mineira. Mas a sua chegada marca uma mudança no panorama demográfico da região. Em 1804, a Freguesia de Franca contava com 804 habitantes; em 1813, com 2497, em 1824, com 5824 e em 1831, com 9235.⁽²⁹⁾ Assim, o crescimento populacional verificado para a primeira metade do século XIX pode ser explicado pelo surto migratório interregional mineiro, iniciado no princípio do século e continuando em progressão durante um período de cinquenta anos.

A migração mineira tomou, então, grande expressão no cenário demográfico, econômico, social e cultural de Franca. Ressalte-se porém, para esta realidade, que pessoas oriundas de outros lugares também participaram de sua dinâmica populacional. Tratam-se de indivíduos vindos do Rio de Janeiro, Goiás, regiões diversas da Província de São Paulo, e também de Ilhas Portuguesas e Portugal. Esta afluxo porém nunca figurou com índice maior que 7,60% da população, como por exemplo é o que acontece no ano de 1813. Já no caso

dos mineiros, por sua vez, têm uma ascensão percentual contínua até 1824 e isto se comprova através dos seguintes percentuais: em 1804, os mineiros correspondiam a 24,70% da população; em 1814, a 73,80% e em 1824, a 75% do todo populacional.

(30) Esta migração mineira pode ser explicada pela própria decadência das minas, que depois de três decênios de produção, em meados do século XVIII, começaram a exaurir-se. No último quartel deste mesmo século deu-se o auge da decadência. Os mineiros passaram a procurar as poucas áreas de terra fértil na região das Minas⁽³¹⁾ ou a dirigirem-se às mais diversas regiões, onde a maior facilidade de sobrevivência parecia acenar com mais vigor. Comentava-se sobre Vila Rica da seguinte forma: "O encanto chegara ao fim"- "pela opulência das riquezas, a pérola preciosa do Brasil transformara-se em pobre aldeia", "terra decadente"- "Humilde povoado, aonde os Grandes moram em casas de madeira a pique".⁽³²⁾

Estava superada uma fase da economia colonial. A seguir, as atenções estavam voltadas para as atividades agrícolas.

Através da visão do contexto descrito, é possibilitada maior precisão científica no estudo da mortalidade geral em Franca, uma vez que esta Freguesia, e depois Vila, recebeu em sua vida econômica e social os reflexos da economia das decadentes regiões de mineração. A partir destes fatos é que se pode esclarecer alguns aspectos de uma comparação da incidência e até talvez da tipologia de mortes, ocorrida entre os três grupos populacionais: branco, negro-livre e negro-escravo, uma vez que a estrutura populacional local sofreu algumas mudanças com a entrada de mineiros, conforme já foi explicado.

Passando então a analisar os totais de ca

TABELA 18
BRANCOS E NEGROS
CONDIÇÃO SOCIAL E FAIXA ETÁRIA
1800 - 1850

FAIXA ETÁRIA CONDICÃO SOCIAL	FAIXA ETÁRIA							N.H.I.	TOTAL
	0 - 1	0 - 10	10 - 20	20 - 40	40 - 60	60 - 90	90 - 100		
NEGRO ESCRAVO	234	186	110	196	124	77	8	43	978
NEGRO LIVRE	2	2	1	7	16	26	1	4	59
BRANCO	602	444	179	418	316	271	33	280	2.543
N.H.I.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	838	632	290	621	456	374	42	327	3.580

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de França.

da grupo populacional, percebe-se, conforme a tabela 18, que a maior mortalidade para a primeira metade do século XIX deu-se, conforme já se podia esperar, para o elemento branco, com 2543 óbitos, absorvendo uma percentagem maioritária de 71,03% do total geral de óbitos. Este índice é explicado exatamente pela migração mineira, que, pelo que nos é dado observar, aumentou o contingente populacional branco, ocorrendo aqui um fato notável, se comparado com outras localidades, onde nem sempre a população branca era maioritária. O segundo maior número de mortes, deu-se para o grupo negro escravo, perfazendo um total absoluto de 978 óbitos, num percentual de 27,31% do todo. Para o negro forro, a percentagem foi de apenas 1,64% ou 59 óbitos. Estes índices reúnem para os três grupos um total de 3.580 mortes. Os anos que se apresentaram com maior número de mortes, conforme a tabela 19, foram, em totais absolutos: 1842 com 197; 1841 com 181; 1850 com 160; 1838 com 138; 1847 com 128, 1816 com 127; 1821 com 126; 1848 com 121; 1846 com 109; 1828 com 107; 1829 com 105; 1840 com 100. É curioso observar, na mesma tabela, o fato de que não é para todos os anos que se confirma uma correspondência entre os maiores índices, (computados para os três grupos) e os totais de cada grupo.

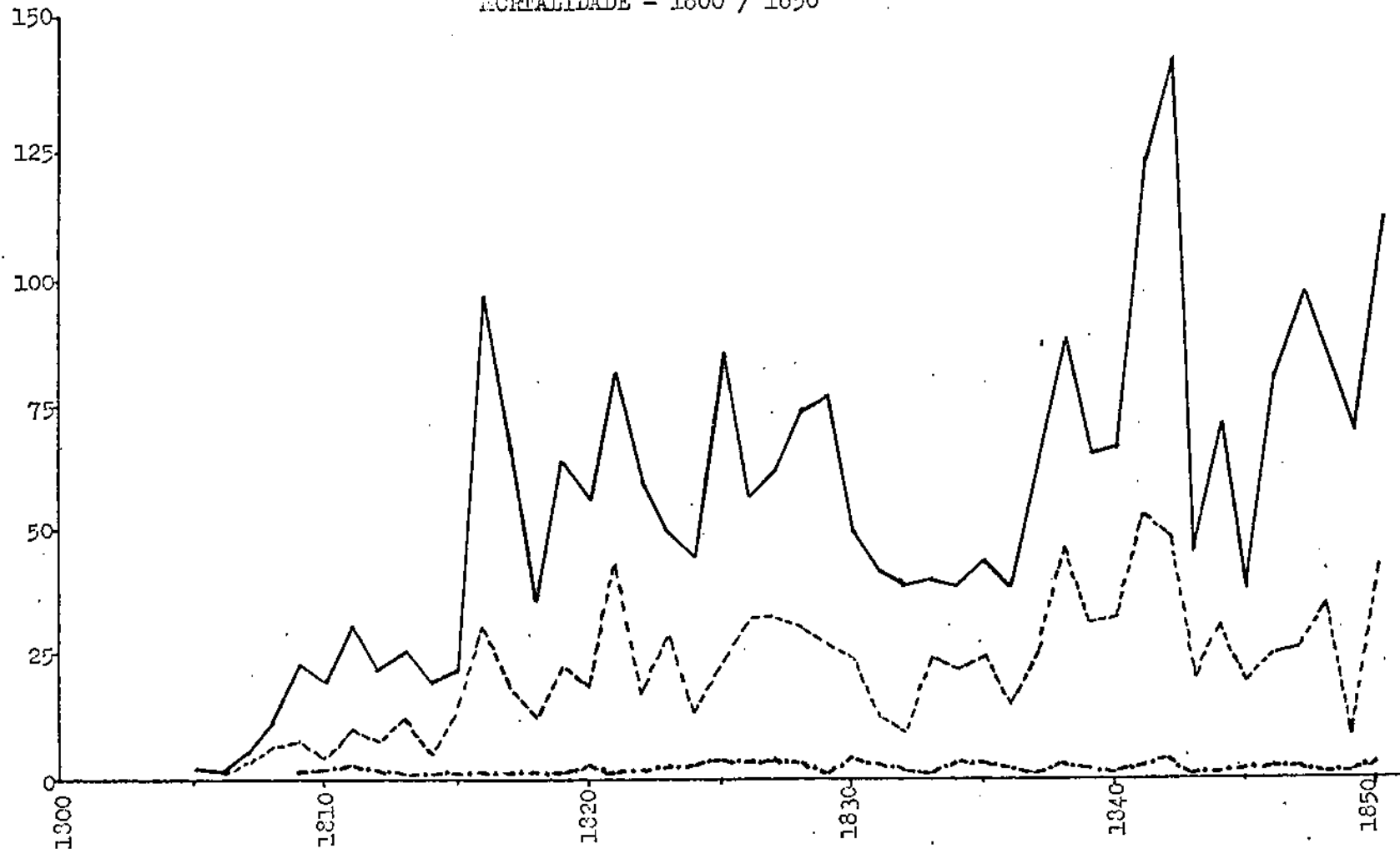
Quanto à mortalidade por sexo, demonstrada através da tabela 20, reunindo a somatória dos três grupos populacionais há uma discrepância, com mais de 470 mortes para o masculino, que se apresenta com um total absoluto de 2025 em relação aos 1555 óbitos registrados para o feminino. Para os três grupos, é interessante notar que os homens perecem em maior número, reafirmando a teoria populacional que afirma ser este o resultado comum para a maioria das áreas que já se estudou sob este ângulo. Outro fator que pode também ser explicativo deste fato é a distribuição do trabalho mais pesado aos homens, o que talvez pudesse diminuir-lhes a resistência física, facilitando o contágio de moléstias transmissíveis.

TABELA 19
BRANCO, NEGRO ESCRAVO, NEGRO LIVRE
ANO DA MORTE E CONDIÇÕES SOCIAIS
1800 - 1850

ANO DA MORTE CONDIÇÕES SOCIAIS	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	NHI	TOTAL
BRANCOS	-	-	-	-	-	2	1	5	11	22	19	30	21	25	19	21	97	66	35	63	56	82	59	49	44	85	56	62	74	77	49	41	39	40	39	44	38	64	90	66	67	126	145	47	73	38	83	100	86	72	115	-	2.543
NEGRO ESCRAVO	-	-	-	-	-	-	1	3	6	7	4	10	7	12	5	13	30	18	12	22	18	43	17	28	13	22	31	32	30	27	24	12	9	24	22	24	14	24	46	31	32	53	48	20	30	19	24	26	34	8	43	-	978
NEGRO LIVRE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	1	-	1	-	-	-	1	2	1	-	-	2	3	-	3	3	1	4	3	2	1	3	3	2	1	2	-	1	2	4	1	1	-	2	2	1	1	2	-	59
TOTAL	-	-	-	-	-	2	2	8	17	30	23	42	28	38	24	35	127	84	47	86	76	126	76	77	59	110	87	97	107	105	77	56	50	65	64	71	54	89	138	97	100	181	197	68	104	57	109	128	121	81	160	-	3.500

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de França

GRÁFICO IV
 BRANCO, NEGRO ESCRAVO, NEGRO LIVRE
 MORTALIDADE - 1800 / 1850



Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca

Branco —————
 Negro Escravo - - - - -
 Negro Livre

. TABELA 20
 . BRANCOS E NEGROS
CONDIÇÃO SOCIAL E SEXO
 1800 - 1850

CONDICÃO SOCIAL SEXO	NEGRO ESCRAVO	NEGRO LIVRE	BRANCO	N.H.I.	TOTAL
MASCULINO	520	35	1.470	-	2.025
FEMININO	458	24	1.073	-	1.555
N.H.I.	-	-	-	-	-
TOTAL	978	59	2.543	-	3.580

Fonte de dados brutos: Atestados de óbito de Franca.

veis, e tornando os frágeis às endemias e às moléstias em geral.

Voltando a tabela 18, para maior esclarecimento, percebe-se que a mortalidade havida em Franca, no período de 1800 a 1850, quando analisada de acordo com sua estrutura etária, apresenta-se para os três grupos, negro-escravo, negro-livre e branco, com o total maior de 838 mortes para a faixa de 0 | 1 ano, seguido pela faixa de 1 | 10, com 632; depois 20 | 40 com 621, seguida pelas idades de 40 | 60, com 456 óbitos, 60 | 90 com 374, 10 | 20 com 290, 90 | 100 com 42 e 327 indivíduos dos quais se desconhece as idades. Para a faixa de idades contida entre 0 | 1, o elemento branco apresentou um índice bem maior com 602 crianças, enquanto o negro escravo teve apenas 234 óbitos, apesar de figurar-lhe dentro do próprio grupo como o mais elevado também. A seguir, o branco aparece com seu maior índice em número absoluto, para o grupo de 1 | 10, com 444 e o escravo na faixa de 20 | 40, com um total de 196. Esta diferença pode ser facilmente explicada quanto ao porquê de sua incidência, uma vez que para o indivíduo cativo, dá-se um índice maior de aborto, do que o verificado para o branco. Esta ocorrência devia-se, provavelmente, ao melhor trato dispensado à mulher branca. A escravidão causou uma certa desorganização à vida familiar. O intercâmbio sexual entre senhor e serva, originou uma situação dúbia: de um lado, estava a família branca, aparentemente monógama; de outro, a promiscuidade e os vícios da senzala, a incitar e favorecer a poligamia do senhor. A situação do escravo não contribuía para estreitar-lhes laços familiares: a desorganização das tradições africanas, o interesse dos senhores que preferiam para os escravos as ligações passageiras e não as relações consolidadas pelo casamento - o que podia criar obstáculos à venda - o número relativamente pequeno de mulheres em relação a homens, tudo contribuiu para conferir precariedade e instabilidade àqueles laços. (33)

Toda esta situação pode talvez explicar o número de abortos que causou a morte das escravas, contribuindo para um índice significativo de mortes dentro de seu próprio grupo populacional para a faixa de 20 | - 40 anos. Para as outras faixas de idades, houve, de certa forma, um relativo equilíbrio numérico.

Quanto à tipologia das doenças verificadas, a tabela 21 é bastante elucidativa. Aponta com o maior índice de causa-mortis, para os três grupos populacionais, as Doenças Infecciosas e Parasitárias, com uma quantidade que abrange mais de um terço do total de mortes. Seu índice percentual é igual a 36,03%; corresponde, em números absolutos, a 1290 indivíduos falecidos. Nota-se que, tanto para o elemento branco, como para o negro, livre e escravo, a mesma predominância foi estabelecida. Entre todas as categorias de doenças, os maiores totais percentuais, deram-se para o grupo de doenças a que nos referimos acima. Obteve-se para o branco, 1031 óbitos referentes às Doenças Infecciosas e Parasitárias, o que equivale a uma percentagem de 28,79% do total geral de mortes e assim, essa mesma verificação para o negro livre dá um total de 13, igual a 0,36% do geral, e para o negro escravo, 246, ou 6,87% do todo equivalente como se sabe a 3580 defunções.

É de grande importância ter-se sempre presente, num estudo deste tipo, o número da ausência de informações, principalmente naquilo que diz respeito à causa-mortis. Exatamente por verificar-se que esta incidência é relativamente grande, é que foi trabalhado o total geral de dados, e não apenas uma amostragem conforme permite a estatística.

A falta de informações, tanto esta que pode ser verificada numericamente como outras que fatalmente deve ter havido e são impossíveis de serem mensuradas, como por exemplo a "evasão de óbitos",⁽³⁴⁾ ou mesmo o seu "sub-re

gistro", (35) ou ainda o enterro clandestino do morto, devem ser lembrados, embora não possam significar uma falha, uma vez que o trabalho com todos os dados e a comparação com outros documentos já a supera cientificamente. Diante de um dado histórico, toda informação é preciosa, e portanto até a ausência de informações envolve conclusões. A categoria "Não há Informações", utilizada nas tabelas, de um modo geral, confirmam a falta de precisão e do interesse pela elaboração exata de uma estatística vital, em tempos pouco longínquos, abrangendo até mesmo a metade do século XIX.

A falta de informações sobre a causa de mortes envolve um total de 936 atestados de óbito, entre todos os mortos do período. Para o branco, num total de 2543 óbitos, 564 ou 22,17% não trazem a informação referida. (tabela 21) Para o negro, o total agrava-se ainda mais, pois esta categoria é que traz o maior total entre todas as outras que informam diretamente a causa que levou cada indivíduo à morte. Assim, com 356 ausências de informações sobre o estado de doença, encontra-se um índice percentual de 36,40% relativo ao total de seu grupo. Para o negro-livre, há uma correspondência quanto ao fato de que o maior número é relativo à ausência de informações; porém, a composição numérica para todas as categorias é toda ela bem menor do que a do negro escravo, o que diminuiu talvez o significado: apresenta 16 óbitos sem a respectiva informação da causa da morte, num percentual de 27,11% para o valor numérico total de seu grupo.

Em ordem decrescente de incidência numérica, encontram-se a seguir os Sintomas e Estados Mórbitos Mal Definidos, com um total para os três grupos de população, de 500 mortes ou 13,96% do todo. Para o branco, há um total de 379, para o negro escravo de 119 e para o negro-livre 2 mortes. As Doenças do Aparelho Respiratório já aparecem com uma quantidade aproximadamente três vezes menor do que as que fo-

TABELA 21
BRANCO, NEGRO ESCRAVO, NEGRO FORRO
CONDIÇÃO SOCIAL E CAUSA MORTIS
1800 a 1850

CAUSA MORTIS \ CONDIÇÃO SOCIAL	BRANCO	NEGRO ESCRAVO	NEGRO FORRO	TOTAL
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	1.031	246	13	1.290
DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E ORGÃOS DO SENTIDO	31	45	4	80
DOENÇAS DO SISTEMA CIRCULATORIO	12	21	1	34
DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATORIO	148	33	1	182
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO	140	11	9	160
DOENÇAS DO APARELHO GENITURINÁRIO	48	18	3	69
DOENÇAS DA PELE	58	20	1	79
DOENÇAS DO SISTEMA OSTEO-MUSCULAR	85	25	2	112
SINTOMAS E ESTADOS MORBIDOS MAL DEFINIDOS	379	119	2	500
ACIDENTES, ENVENENAMENTOS E VIOLÊNCIAS	47	84	7	138
N.H.I.	564	356	16	936
TOTAL	2.543	978	59	3.580

Fonte de dados brutos: Atestados de óbitos de Franca.

ram até agora analisadas. Seu total é de 182, com 148 para o branco, 33 para o escravo e 1 para o negro livre. Quanto às Doenças do Aparelho Digestivo, num total de 140, atacavam com predominância o branco, para o qual foi encontrado dentro desta categoria uma maioria numérica de óbitos por Hidropisia.⁽³⁶⁾ Entre as demais causas de morte, ressaltam-se as categorias das Doenças do Sistema Nervoso e Órgãos dos Sentidos, Doenças do Sistema Circulatório e Acidentes, Envenenamentos e Violência, para as quais o negro escravo apresenta um total maior que o branco. Nestas três categorias, este maior índice parece ser perfeitamente explicado pela própria condição do escravo.

As demais causas para os três grupos apresentam-se de modo geral distribuídas em percentagens relativamente pequenas, e cada uma com uma conotação para cada grupo, já analisada em separado, no estudo individual dos grupos.

A causa-mortis é a informação mais difícil de ser trabalhada e a mais importante dentro de um estudo demográfico na História. É através de seu conhecimento que se processam correlações interpretativas da realidade sócio-econômica.

Muito afetou, no passado, a nossa população no período colonial a existência da economia de exportação, ao lado da economia de subsistência. As condições do Mercado e dos preços internacionais podiam até certo ponto afetar a produção de gêneros de primeira necessidade, fato este que fatalmente refletiria no obituário local.

Em um estudo de mortalidade, é necessário observar-se o "binômio infecção-desnutrição",⁽³⁷⁾ principalmente para as faixas mais jovens da população, pois são fatores interligados, sendo que a infecção não só é facilitada pelas condições ambientais, como também pelo estado de desnutri

ção. A desnutrição, como causa-associada,⁽³⁸⁾ está presente em todos os grupos de doenças, verificados na região em estudo.

A agressividade do meio natural ao elemento estrangeiro talvez possa ser incluída entre as razões que levaram os viajantes do século XIX a se preocuparem, principalmente no caso de São Paulo, com aspectos do meio (botânica, zoologia, mineralogia e etnografia),⁽³⁹⁾ além da curiosidade científica por novas regiões tropicais. A extensão do território e o clima atingiam diretamente a saúde física da população, que em vários casos, vinha de fora, quer na pessoa do europeu, quer na pessoa do negro. A interferência do clima pode talvez ser verificada através da incidência de defluxo, principalmente para a população branca.

A demonstração quantitativa de ocorrência do evento da mortalidade na Freguesia, depois Vila Franca, vem fechar um quadro panorâmico, onde a tipificação das doenças constatadas como causa-mortis mostra a deficiência das qualidades ambientais, e ainda a presença da desnutrição, além das deficiências das condições sanitárias e da prevenção às doenças. E isto pode-se afirmar, através de documentos diversos, relativos a datas até posteriores a 1850, que relatam sobre o estado sanitário da Província de São Paulo,⁽⁴⁰⁾ e a dificuldade econômica para manutenção de Postos de Higiene e Saúde Pública.⁽⁴¹⁾

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- (1) Maria Luiza Marcílio. Crescimento populacional da População brasileira, até 1872. p. 2
- (2) Oliveira Martins. Puericultura.
- (3) IBID, p.41
- (4) Elza Berquó, M. Lucila Milanese, Ruy Laurenti. op.cit. p.30
- (5) Emília Viotti da Costa. Da Senzala à Colônia. p.13
- (6) Maria Luiza Marcílio. A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850. p.107
- (7) D.A.E.S.P. Lista da população. Franca. 1820. cx. 121
- (8) "Métodos de Medición de la Migración interna", Estudios de Población. p.2
- (9) J. Balan. Un siglo de corrientes migratórias en el Brasil. p.3
- (10) Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1838 pelo respectivo ministro e secretário de Estado interino Bernardo Pereira de Vasconcelos. p.10

- (11) Manual de classificação Estatística Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbitos. (baseada nas recomendações da 8ª Conferência de Revisões 1965; e adotada pela Décima Nona Assembléia Mundial de Saúde).
- (12) Lycurgo Santos Filho. História Geral da Medicina Brasileira.
- (13) Francisco de Moraes. Estudantes na Universidade de Coimbra (1772-1872).
- (14) A. da Silva Mello. A alimentação no Brasil - Problemas e Sugestões. p. 26
- (15) Foram examinados todos os Relatórios Imperiais e nenhuma preocupação com a alimentação foi encontrada.
- (16) Ruy Laurenti. Alguns aspectos da mortalidade de crianças menores de 5 anos em três áreas brasileiras.
- (17) "Calentura" dos espanhóis, "sezões", Terças, Quartãs e maleitas dos portugueses, e "malária" dos italianos, é uma enfermidade universal que já existia endêmica no Brasil, nos primórdios da colonização. O protozoário responsável, do gênero "Plasmodium", foi descoberto em 1881 pelo francês Laveran.
Lycurgo Santos Filho. Pecua História da Medicina Brasileira.
- (18) Relatório apresentado à assembléia geral legislativa na sessão ordinária de 1841 pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império Cândido José de Araujo Viana. p.30
- (19) Relatório da Repartição dos Negócios do Império, op.cit. p.17

- (20) Relatório apresentado à assembléia geral legislativa.
op. cit. p.33
- (21) Emília Viotti da Costa. op.cit. p.15
- (22) IBID, p.17
- (23) DAESP, maços de população 1800 a 1850, caixas nº 124, 127, 128, 129 e 47.
- (24) Ano de 1841 mortalidade escrava:- 53 para o mesmo ano 1841: população.
DAESP - Maços de população. 1800-1850, caixas nº 128 e 129.
- (25) Registros Paroquiais: Atestados de Óbito de 1800 a 1850. Igreja Nossa Senhora da Conceição de Franca.
- (26) Ruy Laurenti. op.cit. p.1
- (27) Elza Berquó. op.cit. p.31
- (28) Elza Berquó. Aspectos biológicos da fertilidade.
- (29) DAESP, maços de população 1800 a 1850.
- (30) José Chiachiri Filho. op.cit. p.143. Dados confirmados com os Maços de população. DAESP. 1800-1824. latas: 124 e 127.

- (31) Iraci Del Nero da Costa. Vila Rica: População (1719-1826).
- (32) IBID, p.15. Citação de vários autores: Simão Ferreira Machado. Triunfo Eucarístico. p.25
Tarquínio J.B. de Oliveira. As cartas chilenas fontes textuais.
- (33) Emília Viotti da Costa. op.cit. p.18
- (34) Ruy Laurenti. op.cit. p.13
- (35) IBID, p.15
- (36) Hidropisia - doença do fígado popularmente chamada "barriga d'água".
- (37) Ruy Laurenti. op.cit. p.12
- (38) IBID, p.13
- (39) Glória Aissar. op.cit.
- (40) Exposição com que o Exmo. Sr.Dr. Pedro Vicente de Azevedo passou a administração da Província de São Paulo, ao Exmo. Sr. Dr. Barão de Guarajá, no dia 11 de abril de 1889. p.21
- (41) Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes de Estado, e Vice-Presidente em exercício desde a proclamação da República até o ano de 1916. p.127

PARTE QUARTA

NATALIDADE E MORTALIDADE EM FRANÇA

NATALIDADE E MORTALIDADE LIVRE

Um trabalho que envolve dados atinentes a natalidade e mortalidade, requer o conhecimento da população da área estudada, ainda que não se tenha informações seriais completas.

Durante o período Colonial, e o Império, o estabelecimento dos registros de batizados, casamentos e óbitos, era de competência exclusiva da Igreja. Com a Proclamação da República (15 de novembro de 1889) e a promulgação da primeira constituição republicana, em 24 de fevereiro de 1891, a história dos registros civis é inaugurada no Brasil. (1)

Para épocas bem anteriores, porém, já se conta, pelo menos com indícios de levantamentos demográficos. É o caso, por exemplo, do ano de 1765, referindo-se a Capitania de São Paulo. (2)

Foi neste ano que a referida capitania recebeu, como seu novo governador e capitão-general, D. Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão Morgado de Mateus, vindo de Portugal. Chegou o governador incumbido de uma tarefa específica: a de conter a invasão dos castelhanos na fronteira sul do Brasil. Para isso, cumpria-lhe reorganizar as forças militares da Capitania. Isto provocou-lhe, logo, uma primeira providência dirigida no sentido de ordenar o levantamento do primeiro senso de todos os municípios da região. Assim foi expedida uma ordem a todos os capitães-mores de cada uma das vilas da Capitania, para que procedem ao levantamento dos habitantes de suas jurisdições.

Os critérios seguidos pelas listas nominativas eram de ordem militar, pois obedeciam a um único interesse:— o de organizar a defesa das possessões portuguesas, com

limites fixados pelo Tratado de Madrid em 1750, e que encontravam-se ameaçados pelos espanhóis do Paraguai e do Rio da Prata.⁽³⁾

A prática da elaboração das listas nominativas, que possibilitam maior profundidade para análise dos eventos vitais, foi gerada pelas razões acima expostas. Através delas, efetuava-se, pela primeira vez em São Paulo, uma das obrigações mencionadas desde os anos de 1570 nos artigos do Regimento Militar de todo o Reino de Portugal, fazendo-se impor a contagem frequente dos habitantes de todos os municípios.

Foi exatamente através destas listas, referentes à Freguesia e depois Vila Franca, que se pode trabalhar os dados da população embora com sérios limites, impostos de um lado pela lacuna de informações nelas encontradas, e de outro pela destruição por elas sofrida, impedindo completamente a leitura.

Para o caso de Franca, a pesquisa é dificultada ainda mais, porque em grande parte, sua população era contada conjuntamente com todas as freguesias do Sertão e Caminho dos Goiazes com exceção apenas, dos 17 anos, que foram trabalhados.⁽⁴⁾ Aparece principalmente somada à população de Mogi Mirim e Freguesia de Batatais.

Desta forma, os dados que se apresentaram com maior possibilidade de aproximação da verdade foram:

1805.....	846	habitantes
1806.....	1117	"
1807.....	1366	"
1808.....	1636	"
1809.....	1701	"
1811.....	1823	"
1813.....	3117	"
1814.....	1218	"

1815	2605	habitantes
1817	802	" (lista incompleta)
1818	3843	"
1820	2231	"
1823	2457	"
1824	3494	"
1825	3654	"
1831	9235	"
1832	5013	"

Aí está a informação apenas sobre 17 anos, no que se refere à população de Franca, e 17 anos dispersos pelo período de meio século;

Faz-se necessário lembrar que o critério de listagem da população, segundo a cor da pele, apresenta - -se com grandes probabilidades de erro. Não se tem certeza que o indivíduo rotulado de branco, realmente é branco, ou que o pardo seja resultado da miscigenação do branco com o negro. E outra questão ressaltava-se com grande curiosidade: onde estarão contados os elementos indígenas? Nestas listas não foram eles mencionados, apesar de que em 1819, um viajante⁽⁵⁾ que passava pela região, observava e facilmente distinguia traços indígenas marcando a população, que sem dúvida testemunhava a união do índio com o branco. A falta de informação nos leva à indagação: teriam eles sido catalogados como brancos, ou como pardos; ou ora como brancos e ora como pardos?

Para não incorrer-se em erros ou em resultados precipitados, não se avançará nas interpretações que possam ser comprometidas pelos dados da população em geral. Apenas para não se omitir dados, encontram-se em anexo, as tabelas sobre a população de Franca, contendo em separado, as quantidades referentes a cada grupo populacional qualificados de: branco; negro, escravo e livre; e pardo, escravo e livre.

Cada um deles, já foi analisado, dentro do limite do possível, em capítulo anterior, segundo a estrutura do sexo.

Quanto à estrutura etária, as idades que se apresentaram com maiores quantidades conforme a tabela 22, foram:

- para o branco: 10|-20 com 5.047
 - 0|-5 com 3.696
 - 5|-10 com 3.646
 - 20|-30 com 3.546

- para o negro escravo: 10|-20 com 3.232
 - 20|-30 com 2.871
 - 30|-40 com 1.716
 - 5|-10 com 1.340

- para o negro livre: 10|-20 com 173
 - 30|-40 com 115
 - 0|-5 com 115
 - 40|-50 com 103

- para o pardo cativo: 10|-20 com 547
 - 20|-30 com 370
 - 0|-5 com 362
 - 5|-10 com 346

- para o pardo livre: 10|-20 com 2.155
 - 5|-10 com 1.665
 - 0|-5 com 1.651
 - 20;-30 com 1.427

TABELA 22
POPULAÇÃO TOTAL (Itanos)
CONDIÇÃO SOCIAL E FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA \ CONDIÇÃO SOCIAL	BRANCO	PRETO CATIVO	PRETO LIVRE	PARDO CATIVO	PARDO LIVRE	TOTAL
0 - 5	3.696	1.381	1.103	362	1.651	7.193
5 - 10	3.646	1.340	85	346	1.665	7.082
10 - 20	5.047	3.232	173	547	2.155	11.154
20 - 30	3.546	2.871	109	370	1.427	8.323
30 - 40	2.167	1.716	115	187	909	5.094
40 - 50	1.710	1.059	103	106	688	3.666
50 - 60	1.059	547	80	52	354	2.092
60 - 70	493	251	34	18	191	987
70 - 80	140	73	18	6	60	297
80 - 90	71	40	8	1	28	148
90 - 100	9	8	0	0	15	32
TOTAL	21.584	12.518	828	1.995	9.143	46.068

Fonte de dados: Mapas de População - DAESP.

A faixa etária que se apresentou com maior quantidade numérica foi a de 10|-20 para os cinco segmentos populacionais. Quanto às outras idades, repetiram-se quase sempre as mesmas para as 4 primeira maiores, sendo em sua maioria, as faixas jovens as mais numerosas. Ainda que contando com dados incompletos, temos aí um indício de uma estrutura etária jovem para Franca numa visão global dentro de um período de 17 anos.

Impõem-se aqui, observar o fato de que para as demais idades as quantidades seguem um decréscimo sequente, comprovando a juventude da população.

Num estudo populacional torna-se imprescindível registrar-se um quadro geral dos casamentos. Somente com a inclusão de seus dados é que se pode ter uma visão geral correta da população em estudo. (Gráfico 3). A esse respeito, a única fonte que nos pareceu mais digna de crédito, foi o arquivo paroquial, e através dela é que pudemos quantificar um número total de 2.540 casamentos para todo o período de 1800 a 1850 em Franca. (Tabela 23).

O livro de casamentos da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca, traz sobre esse evento apenas os dados separando os grupos de diferentes cores, sua subdivisão por ano, o estado civil dos cônjuges e lugar de origem. A escassez de dados não nos permite um avanço de análise. Deve-se observar apenas, que além desta quantificação de casamentos, que de alguma forma influenciou os dados sobre nascimentos, existem ainda as relações extra-conjugais. Deram elas, origem à aparição de uma legião de bastardos na sociedade patriarcal da região nordeste do Brasil,⁽⁶⁾ fato este, talvez verificado em todo o país.

Os casamentos começaram a ser realizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca, exatamente no ano de 1806. Deste ano em diante, procedeu-se a uma

TABELA 23
BRANCO E NEGRO ESCRAVO E FORRO
CASALETTOS
1800 - 1850

ANOS	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830	1831	1832	1833	1834	1835	1836	1837	1838	1839	1840	1841	1842	1843	1844	1845	1846	1847	1848	1849	1850	TOTAL
BRANCO	-	-	-	-	-	7	23	10	23	21	20	32	29	25	34	17	28	26	30	38	35	37	35	42	32	22	35	46	40	31	51	55	59	49	87	49	62	34	49	79	45	56	74	93	19	43	48	52	48	61	1.822	
ESGRAVO	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	5	3	4	-	3	4	3	7	5	12	14	9	17	9	8	18	32	12	20	20	13	28	9	33	13	16	21	13	10	9	13	11	23	8	9	22	13	2	13	485		
FORRO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2	2	2	-	-	-	4	-	-	1	4	2	1	3	1	2	-	2	2	2	2	-	-	1	3	1	-	1	1	36				
ESCRAVOS FORRO	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5			
PARENTE	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	1	1	3	3	3	2	3	8	3	4	4	5	1	-	5	3	2	5	5	10	8	8	11	5	4	2	10	3	9	7	14	12	-	6	6	4	5	4	192			
TOTAL	-	-	-	-	-	9	25	10	24	21	21	41	25	30	37	23	35	31	40	53	52	55	48	64	42	30	58	81	55	60	78	79	98	67	133	67	84	59	74	94	63	76	100	131	28	58	77	69	56	79	2.540	

Fonte de dados brutos: Livros de Casamentos de França.

tendência geral de aumento de casamentos anuais, contando com movimentos de decréscimos em vários anos do período.

Os brancos, conforme mostra a tabela(23), efetuaram o maior número de casamentos, num total de 1.822 ou 71,73% do total para todo o período. A seguir, o negro escravo mostrou 485 casamentos numa porcentagem de 19,09 do total. Os forros com um pequeno percentil de 1,41, totalizaram 36 casamentos. Os casamentos dos brancos efetuados entre dois parentes tiveram 7,57%. Os anos para os quais se registraram os maiores números de casamentos foram: 1.835 com 133 eventos; 1844 com 131; 1843 com 100; 1840 com 94, decrescendo sempre a partir desta quantia, para o restante dos anos. Para todos os anos, o maior número de matrimônios deu-se sempre entre os elementos brancos. Ressalta-se aqui, 5 casamentos entre escravos e forros.

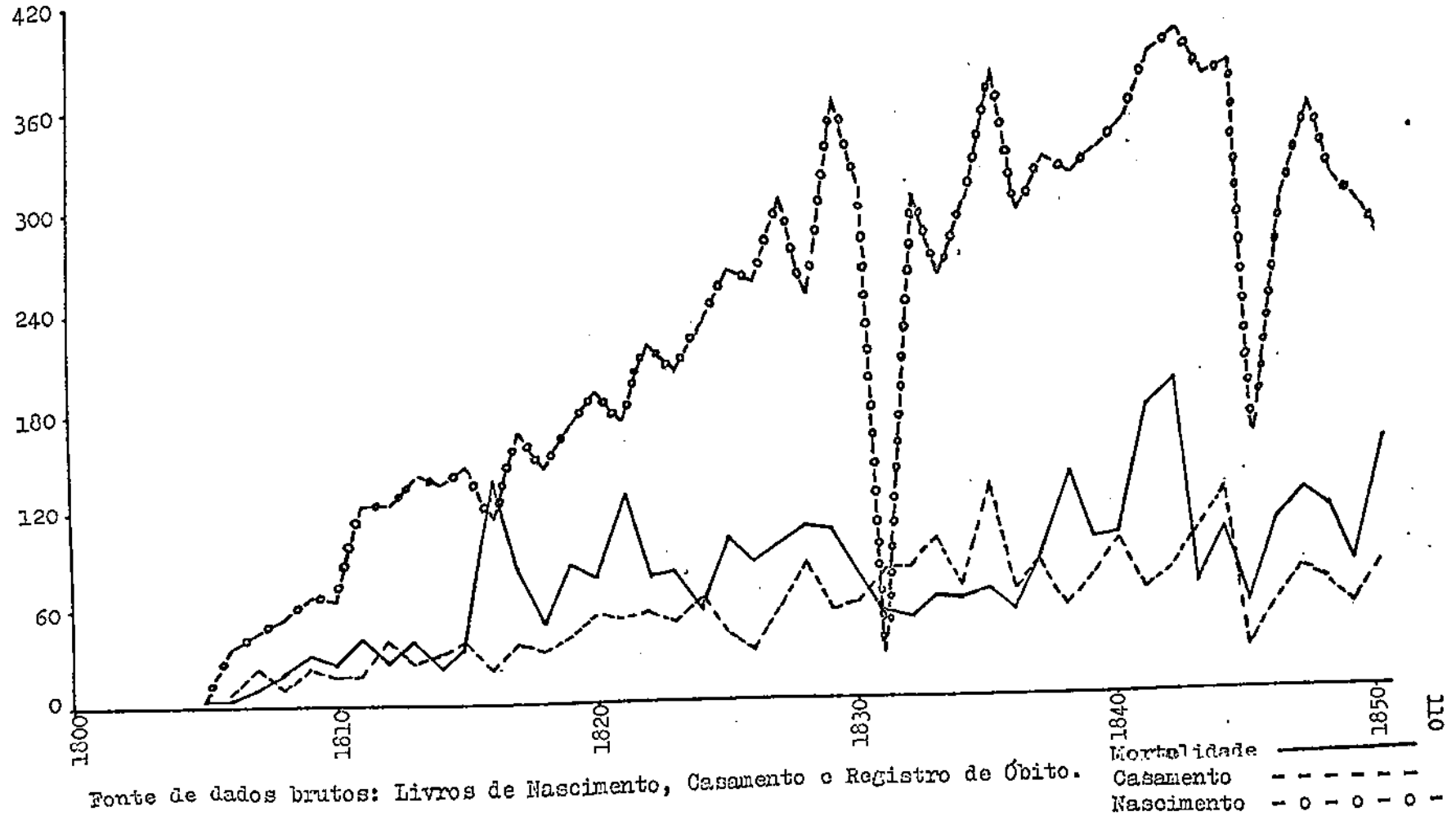
Embora os dados da população de Franca, se restrinjam apenas a alguns anos dentro de todo o período estudado, extraiu-se a "taxa de nupcialidade bruta", para cada ano que possuía as informações necessárias. Cabe esclarecer, que infelizmente para os anos em que se verificaram as mais altas quantidades de casamento nos foi impossível extrair-lhes a referida taxa, por ignorar-se o total da população por ano. Com os dados populacionais que se conseguiu, pode-se apresentar o seguinte "quadro":

1806	8,0
1807	16,8
1808	6,1
1809	13,5
.....	
1811	11,5
.....	
1813	9,5
1814	24,6

GRÁFICO V

BRANCO, NEGRO: LIVRE e ESCRAVO

NATALIDADE, CASAMENTO, MORTALIDADE : 1800 / 1850



1815	14,2
.....	
1818	8,0
.....	
1820	23,7
.....	
1823	19,5
1824	18,3
1825	11,4
.....	
1831	8,4
1832	15,7

Desta forma, entre os anos trabalhados, nota-se movimentos bruscos de subida e queda da taxa de nupcialidade bruta.

A nupcialidade assume excepcional importância na dinâmica populacional, pois repercute seriamente nos quantitativos de nascimentos e óbitos. Isto não quer dizer que nupcialidade e natalidade não possuem uma certa independência, mesmo porque frequentemente se verifica que seus acréscimos e decréscimos não ocorrem de modo paralelo.

O BRANCO

A natalidade e a mortalidade verificada em Franca, no período de meio século, para a população branca, traz uma quantidade numérica, bastante diferenciada entre si. Para todo o período, nasceram 8.166 indivíduos brancos, enquanto morreram 2.543. Desta forma, os batismos superaram sistematicamente os óbitos, o que vem nos indicar um crescimento vegetativo positivo.

O elemento branco, devido a sua maioria no total da população fêz marcas, na dinâmica populacional de

Franca. Quanto a separação por sexo, os nascimentos marcaram um índice numérico de 4.176 homens e os óbitos constaram de 1.470. Para o sexo feminino, os nascimentos foram 3.990 e os óbitos de 1.073. Verifica-se (quanto ao elemento branco), para a realidade de Franca, uma correspondência, com afirmativas de teorias populacionais, que colocam como premissa, a maior mortalidade, atingindo sempre o homem, e como a compensar-lhe desta perda, a natalidade também lhe concede a maior quantidade.

Assim, temos a razão de masculinidade, do elemento branco, para cada ano estudado:

1806	141,6
1807 - não há dados	
1808	108,0
1809	125,9
1810	110,7
1811	94,23
1812	136,3
1813	126,4
1814	110,0
1815	117,8
1816	117,9
1817	141,1
1818	128,5
1819	113,1
1820	95,7
1821	92,5
1822	135,8
1823	137,0
1824	114,2
1825	100,9
1826	120,0
1827	95,6

1828	93,7
1829	101,4
1830	110,1
1831	100,0
1832	107,7
1833	86,3
1834	95,0
1835	100,0
1836	88,33
1837	117,5
1838	101,6
1839	113,7
1840	110,4
1841	88,3
1842	115,7
1843	71,0
1844	120,7
1845	126,2
1846	98,3
1847	86,0
1848	104,1
1849	107,7
1850	93,9

Ao relacionar as quantias numéricas verificadas para o elemento branco, quanto aos eventos natalidade e nupcialidade, nota-se para o primeiro, um total de 8.166 para o período de meio século, e 1822 casamentos, para o mesmo período.

Os anos que apresentam maior número de nascimentos foram, em alguns casos, exatamente aqueles em que apareceram maior número de casamentos. Ei-los em números absolutos, em ordem decrescente de incidência de eventos:

Ano de 1844	- 93 casamentos	- 309 nascimentos
" . . . 1835	- 87	" - 292
" . . . 1840	- 79	" - 263
" . . . 1843	- 74	" - 296
" . . . 1837	- 62	" - 248
" . . . 1850	- 61	" - 223
"		

O ano de 1844 marca a maior incidência de casamentos para o branco, e coincide também com a maior natalidade para o mesmo grupo. A seguir, o segundo maior total, tanto para os nascimentos como para os casamentos, dá-se em 1835.

Para o restante dos anos, a correspondência de intensidade é verificada de forma relativa, mas ainda dentro de um determinado equilíbrio.

O NEGRO LIVRE

O negro livre tem um lugar muito restrito nos capítulos da História do Brasil, e isto se deve primordialmente a dificuldade de se encontrar dados que a eles se referam.

Na quantificação da mortalidade, o negro livre aparece com o menor total em relação aos outros elementos. Da mesma forma, possui o menor total referente ao número de nascimentos. Assim, tem-se 59 mortes, em contraposição a 54 nascimentos. Dá-se neste caso, uma curiosidade: tomando-se o período como um todo, o crescimento vegetativo do elemento negro livre, mostra-se negativo, diferenciando-o dos demais grupos estudados. Ao compararmos, porém, a mortalidade e a natalidade entre cada ano do período, os resultados já não são os mesmos: para o ano por exemplo, de 1832, aparecem duas mor

tes, em contraposição, há 9 nascimentos; 1834, 6 nascimentos e 3 mortes; 1841, com seis nascimentos, também; e apenas 2 mortes.

Quanto à divisão por sexo, nasceram mais indivíduos do sexo feminino, com um número de 31 contra 23 do sexo masculino. Morreram, porém, 35 homens e 24 mulheres.

Para mostrar-se a "razão de masculinidade", juntamos os dados sobre o negro livre e mulato livre para obter-se o coeficiente correspondente ao total da população que havia sido liberta.

Foram então extraídas as seguintes taxas:

1812	100,0
1813	100,0
1825	50,0
1828	5,8
1829	50,0
1830	6,2
1832	50,0
1834	200,0
1835	66,6
1836	50,0
1837	100,0
1839	200,0
1840	16,6
1841	250,0
1844	400,0
1850	200,0

Quando se observa "taxas" referentes a estudos populacionais, é preciso que se fique atento para as proporções indenticadas, pois quando se lida com números absolutos muito pequenos, a taxa extraída, pode, à primeira vista, ser enganosa. Foi por este motivo, que se abandonou os

índices muito baixos relativos a sexo da população negra e mulata livre.

Quanto à nupcialidade, verificada para todo o período, o negro forro obteve um total de 36 casamentos, enquanto verificou-se 54 nascimentos. O ano de 1832 registra para todo o período de meio século, o maior número de nascimentos, restrito apenas em 9, enquanto a maior incidência de casamentos deu-se com apenas 4, no ano de 1832. A seguir, para a natalidade, tem-se 1834 e 1841 com seis nascimentos, e para casamentos tem-se 1833 e 1844, ambos com 3 eventos.

Como se vê, quando as quantias são pequenas, há uma possibilidade escassa de comparação.

Quanto ao mulato livre, as informações sobre casamento não trazem dados específicos sobre eles. Cabe apenas ressaltar que em termos de nascimento, eles aparecem com um total bem maior do que o negro livre, com 127 nascimentos. Fica dessa forma, mais uma vez, a indagação da validade da rotulação de negro livre ou mulato livre. E qual seria o critério para tal denominação? Ainda não se teve condições de responder a estas e outras questões, que aparecem em diferentes buscas. São elas prova de que há ainda muitos aspectos a se averiguar sobre a nossa História, para que se possa elucidar mais e mais os fatos de nosso passado, ainda tão recente.

O NEGRO ESCRAVO

O negro escravo comportou-se, sob o ângulo da estrutura populacional, de forma semelhante ao branco. Com um total de 2050 nascimentos, esse grupo de pessoas que constavam de uma parte da população, mostrou, no decorrer do meio século estudado, pelo menos uma expectativa de um "crescimento vegetativo" positivo, uma vez que o total de mortes

foi de 978. Houve, então, um excesso de 1072 nascimentos sobre o total de mortes. Observando-se, porém, os totais anuais, nota-se, em alguns casos, maior mortalidade em relação à natalidade. É o caso específico dos anos de 1816, com 30 mortes e 22 nascimentos, e 1821, com 43 mortes e 40 nascimentos.

Quanto à estrutura do sexo e sua comparação entre os dados da natalidade e a mortalidade, tem-se 978 nascimentos femininos em contraposição a 458 mortes para o mesmo sexo. Em relação aos homens, nasceram 1072 e morreram 520. Desta forma, confirma-se, também para o elemento negro escravo, tanto a maior mortalidade como a maior natalidade para o sexo masculino.

A "razão de masculinidade" foi extraída em relação à população escrava, incluindo então tanto o mulato escravo como o negro escravo. Este critério pareceu o mais conveniente, tanto pelo fato da ausência da especificação do mulato escravo nos dados da natalidade, como por uma questão de uma identificação social: ambos escravos: o mulato e o negro.

Assim, a "razão de masculinidade", para todo o período identificado para cada ano, deu-se através dos seguintes índices:

1806	300,0
1807	não houve possibilidade de extração
1808	50,0
1809	não houve possibilidade de extração
1810	150,0
1811	110,0
1812	75,0
1813	183,3
1814	25,0
1815	80,0
1816	92,3

1817	95,4
1818	94,1
1819	77,2
1820	92,5
1821	80,7
1822	132,1
1823	132,0
1824	124,0
1825	75,7
1826	218,1
1827	41,0
1828	187,5
1829	84,4
1830	157,1
1831	não há informação
1832	160,0
1833	88,0
1834	115,6
1835	109,0
1836	87,1
1837	102,4
1838	80,9
1839	102,5
1840	67,9
1841	109,5
1842	114,5
1843	80,0
1844	68,8
1845	118,1
1846	62,7
1847	82,6
1848	97,2
1849	109,3
1850	78,1

Uma vez verificados os índices de masculinidade, passa-se agora a relacionar a natalidade e a nupcialidade verificada para o negro escravo. Tem-se 2050 nascimentos e 485 casamentos.

Os anos que apontaram as maiores quantidades de nascimentos, não foram os mesmos relativos àqueles em que houveram maior número de casamentos, embora há que se ponderar que os nascimentos deram-se em maior número, para os anos quase que imediatamente sequêntes àqueles em que se deram as maiores quantidades de registros de casamentos. Desta forma, para os anos de maior natalidade, deram-se os seguintes números de casamentos:

Ano de 1835 - 89 nascimentos e 33 casamentos			
" 1840 - 89	"	10	"
" 1841 - 88	"	9	"
" 1847 - 84	"	22	"
" 1843 - 81	"	11	"
" 1837 - 81	"	16	"

Para os anos em que se deram mais casamentos a correspondência da natalidade foi a seguinte:

Ano de 1835 - 33 casamentos e 89 nascimentos			
" 1828 - 32	"	33	"
" 1833 - 28	"	44	"
" 1847 - 22	"	84	"
" 1831 - 20	"	não há informação	
" 1830 - 20	"	55 nascimentos	

Com exceção dos anos 35 e 47, em que se dá uma correspondência de grandeza entre os dois eventos: casamento e natalidade, nota-se, como já foi dito, para os demais anos, uma sequência de maiores natalidade em relação aos anos em que mais houve casamentos de escravos negros para to-

do o período. É preciso lembrar, que quanto ao mulato escravo, não se tem dados específicos de casamentos, o que encerra qualquer viabilidade de análise.

NATALIDADE E MORTALIDADE LIVRE E ESCRAVA

A natalidade e a mortalidade vistas através do passado de um localidade, requisitam desde logo, uma visão geral do momento histórico e do meio ambiente de onde se investiga a sua dinâmica.

Só assim, é que se pode estabelecer um relacionamento entre o indivíduo como "vida" e o meio que o circunda, como elemento de sua preservação.

Encontra-se em um período posterior a última década do século XVIII, uma economia local baseada na criação de gado e plantação de lavoura. Os mineiros que aqui chegaram, abalados pela desativação de suas minas auríferas, ao sentirem a receptividade da paisagem geográfica, fixaram-se com suas famílias e formaram suas fazendas. Mais ou menos a partir de 1804, o migrante mineiro⁽⁷⁾ muda o panorama geral do Nordeste Paulista. Até então, era formado por modestos pousos, distribuídos ao longo da "Estrada dos Goyases", com poucos habitantes e sem perspectivas de crescimento econômico e demográfico. Dai por diante dá-se, a curto prazo, um extraordinário crescimento populacional,⁽⁸⁾ em toda região, atingindo, o que é lógico, Franca, que é parte integrante do Nordeste Paulista. Houve, paralelamente, uma dinamização e intensificação das relações comerciais, e mais ainda desenvolveu-se a criação de gado vacum. Em decorrência de tudo isto, a paisagem foi humanizada. Aos poucos, aos habitantes que já estavam radicados na região, somaram-se os mineiros. Quanto a qualidades particulares dos mineiros, Saint Hilaire ao passar pela Freguesia da Franca em 1819, distinguiu-o perfeitamente do paulista. O paulista foi identificado pela estupidez e ignorância, enquanto que ao mineiro atribuía a polidez. Apenas para esclarecer esta observação curiosa do viajante do século

passado, que de qualquer forma, mostra como era para ele, um aspecto característico das pessoas que ora se estuda, deve-se observar que os paulistas a quem se referiu eram antigos moradores do Sertão do Rio Pardo. Viveram provavelmente muito tempo sem deparar-se com a necessidade de um relacionamento social mais complexo, em meio a poucos habitantes. Os mineiros, ao contrário, vinham de grandes povoações que desenvolveram seus centros urbanos no auge da mineração. Viveram em um ambiente econômico e social propício a um refinamento de hábitos e costumes.

Foi exatamente esta formação populacional que se desenvolveu através dos tempos e proporcionou a Franca, durante o primeiro meio século da décima nona centúria, uma dinâmica populacional bastante movimentada, mas a indicar, apenas com raras exceções, um crescimento vegetativo positivo ou seja, um crescimento populacional através de uma incidência maior da taxa bruta de natalidade, em relação a da mortalidade. No entanto, ao considerarmos destacadamente os grupos sociais componentes da sociedade escravocrata, veremos que no que se refere ao elemento escravo, o crescimento vegetativo mostrou-se, em vários anos negativo; o mesmo acontecendo com o negro livre.

Pode-se generalizar para Franca, o resultado de um crescimento vegetativo positivo de modo geral, a explicação dá-se pela contribuição de elementos mineiros que para cá migraram.

As "taxas de natalidade" por 1000 foram extraídas em correspondência com os anos para os quais obtivemos os dados necessários. Os resultados em relação ao geral da população foram os seguintes:

1806	29,5
.....	
1808	33,6

1809	38,8
.....	
1811	66,9
.....	
1813	44,5
1814	111,6
1815	57,1
.....	
1818	37,9
.....	
1820	85,1
.....	
1823	84,2
1824	67,5
1825	72,7
.....	
1831	3,1
1832	62,6

Observa-se que as taxas de natalidade parecem muito altas na França Antiga, embora tenha este resultado sua correspondência com as altas taxas do mesmo evento, observadas para a antiga São Paulo,⁽¹¹⁾ uma vez relacionadas com as da Europa Ocidental dos séculos XVII e XVIII, que segundo Louis Henri, se mostram bem mais baixas.⁽¹²⁾

As "taxas de mortalidade" também extraídas para os anos do período estudado, em que se encontrou os dados necessários, mostram-se relativamente bem mais baixas do que as extraídas da natalidade. São elas:

1806	1,7
.....	

1808	10,3
1809	17,6
.....	
1811	23,0
.....	
1813	12,1
1814	19,7
1815	13,4
.....	
1818	12,2
.....	
1820	34,0
.....	
1823	31,3
1824	16,8
1825	30,1
.....	
1831	6,0
1832	9,9

Embora se constate, as taxas de mortalidade para o total da população, dentro de índice relativamente baixos, há de se considerar que a tipologia das mortes encontradas, de um modo geral, indicam que estas taxas poderiam ter sido ainda menores, se o meio ambiente oferecesse melhores condições de higiene, saúde e cuidados terapêuticos e preventivos.

As "taxas de natalidade" trabalhadas com as de mortalidade e a população, vão nos indicar o crescimento vegetativo da população. Desta forma encontraram-se as seguintes taxas:

1806	27,8
.....	
1808	23,3
1809	21,2
.....	
1811	43,9
1813	32,4
1814	91,9
1815	43,7
.....	
1818	25,7
.....	
1820	51,1
.....	
1823	52,9
1824	50,7
1825	42,6
.....	
1831	(-2,9)
1832	52,7

Como se pode notar, o "crescimento vegetativo" da Vila Franca parece que manteve para o período, um relativo equilíbrio, decaindo bruscamente em 1831, ano em que ocorre um aumento também grande na população de um modo geral.

Desta forma, observa-se que com exceção do ano de 1831, a natalidade assume uma certa importância na somatória total da população.

Ao que parece, então, a natalidade em Franca, manteve-se no geral alta, enquanto que a mortalidade para a maioria do período permaneceu baixa, pelo menos em relação uma com a outra. Apesar disso, a tipologia da "causa mortis "

verificada para todo o período, revela condições ambientais precárias em relação às necessidades de manutenção de uma boa saúde da população, bem como dos recursos necessários para o apoio à natalidade. Isto leva a pensar que, melhores fossem os recursos, menor ainda, poderia ser a mortalidade. Esta colocação apoia-se na percentagem de quase 50% (49,2) de indivíduos que morreram na idades 0|- 20 comportando um total de 1760 pessoas, em relação a 50,8% do total ou 1820 indivíduos mas que pertencem a todas as outras idades, de 20|- 100. E essa idéia é confirmada quando se observa que entre todas as faixas etárias, envolvendo um intervalo de classe de 10 anos, a que engloba maior número é a de 0|- 1 num total de 838 indivíduos para toda a população. O índice de mortalidade infantil e a tipologia das causas dos óbitos são aspectos reveladores das condições sanitárias da época.

Por outro lado, deve-se levar em conta, que além das condições necessárias a preservação do ser vivo, são ainda talvez mais necessárias a preservação daquele que está se formando e que ainda vai nascer. Todos os atributos somáticos e funcionais do organismo e suas variações normais e patológicas estão na dependência completa, contínua e concomitante de dois grupos de forças morfofisiogênicas: as genéticas e as do ambiente. (13)

As influências ambientais são tudo que, externo ao organismo agem sobre ele, ou diretamente apenas sobre sua superfície, ou por meio desta em seu interior, ou nele penetrando. Têm elas efeito sobre a ação dos genes, podendo modificá-la qualitativamente até a distorção e quantitativamente até a inibição completa. Os genes tem ação sobre o efeito das influências ambientais porque determinam o grau de suscetibilidade do organismo a tais influências benéficas, além do qual se tornam ineficazes ou prejudiciais. As condições de um indivíduo então, resultam da contínua interação, na vida

intra e extra-uterina, desses dois grupos de forças. (14)

Os fatores ambientes comumente são os que recebem a melhor atenção principalmente nas teorias da Medicina Pediátrica. São eles constituídos pelas condições gerais devidas. Os desfavoráveis ou morbígenos chamam a atenção, e se fazem presentes, sobretudo quando já estão atuando. Para combatê-los é que se faz necessário o uso dos fatores benéficos sob a forma de tratamento através da Medicina curativa. Na assistência a criança então é ampliada a atenção dada aos fatores benéficos, procurando conservar a saúde da criança, o que se realizá através da Medicina Preventiva. Em ambos os casos, entretanto, a atenção dos interessados se concentra no conflito entre influências ambientais favoráveis e desfavoráveis. Pelos modos peculiares e individuais de ser e de reagir, o organismo participa ativamente do desenvolvimento e do resultado, - saúde, doença ou morte - desse conflito, e muitas vezes são eles que decidem o desfecho favorável ou funesto.

A tipologia das doenças que levaram a morte tanto o branco, como o negro escravo e o negro livre, demonstram uma reação orgânica fraca, ao desafio do meio, embora a mortalidade seja baixa.

O colonizador europeu aqui chegando encontra além de condições precárias de higiene, alimentação e de recursos sanitários, um grande número de animais perigosos e nocivos, ao lado é certo de uma verdadeira riqueza de animais úteis e belos.

Encontram-se nos relatos de viajantes, entre descrições sobre animais que serviam de alimento, outras que traduzem o pavor do estrangeiro diante de ameaças de feras selvagens. Assim entre as descrições dos animais de caça, tais como: tatu, porcos, capivaras, lagartos, encontra-se a dos tigres que estraçalhavam homens e causavam grandes danos. (15)

Contam, também, os viajantes que, quem aqui chegava, tinha que defender-se das vespas, as quais em enxames perigosos, tornavam a fuga difícil; moscas, como a va-rejeira verde; as formigas, das quais as grandes e vermelhas eram as mais daninhas, e cuja picada dolorosa provocava medo a qualquer pessoa. A existência de baratas, camundongos, besouros e bicho-de-pé, em grande quantidade, causavam, frequentemente, infecções fatais, numa ameaça contínua à vida de um povo, ainda em formação. Outro perigo frequentemente relatado é o que provinha de uma grande variedade de cobras, entre elas a cascavel, a coral e a jararaca. (16)

Através dos dados pesquisados, pode-se pensar numa correspondência dessa realidade descrita genericamente para o país, com a área de Franca. A existência de cobras, por exemplo, e o perigo que elas significavam, parece ser confirmada pela incidência de mortes que se verificou, tendo como causa, -mordida de cobra- e que por uma questão metodológica englobou-se na classificação de "Acidentes, Envenenamentos e Violências". Para a população de modo geral, essa categoria somou 138 mortes, sendo que ao negro escravo coube o maior número com 84 (tabela 21).

Cabe agora, uma demonstração de todas as doenças que apareceram por grupo de população estudado, a fim de que se possa constatar as afirmações acima. Com o arrolamento das doenças, sem a respectiva classificação tem-se uma visão mais próxima da realidade, isenta da sofisticação metodológica já aplicada, e tão necessária ao tratamento científico dos dados.

Apareceram então, as seguintes "causa-mortis". Para o branco:

- afogado, tiros e cutiladas; violenta e hidropezia; camaras de sangue; pleuriz; defluxo; fístulas; mordida de cobra; le-

pra; de repente; garrotilho; úlcera maligna; parto; iterícia; escrebuto; pulmonia; formigueiro gallico; pelueriz; moefeia ; de sangue, louco; constipação; convulsões; indigestão; dores de cabeça; diarrhéa; gota coral; pancada de monjolo; molestia incognita; methe; cancro; reumatismo gotoso; pelveril; gotta nervosa; febre híllica; facadas; hernia; febre nervosa; sufocdo; bixos no nariz; esquinência; babas; tosse; tumor no pes - cosso; raio; maleita; sarnas; estupor; ferida; apostema; febre catarral; engasgue; queda; desastre; subitamente; queimado; se zoens; lombrigas; sarampo; febre bibliosa; impiema; entraz; vo mica; sobreparto; paralizia; cataporas; encalhe; carbunculo ; fleimão; grangrena; febre biliosa; febre interna; febre po dre; edivatozo; febre intermitente; supressão de sochios; fe bre quarta; edemotoza; hepatitis; cancro ulcerado; elefatizis; esfacelado; incizão; colica; coculuxe; cefalgia; contuzão; in flação; forunculos; espasmo gástrico; rotura; dores de dente; louca; molestia no bofe; enxação; mal de lázaro; apolético; go norheia; fogo selvagem; ourinas doces; froxo; retenção de ou rinas; mentecapta; xaga nas guelas; delírio; obstrução, sufoca ção no peito; rendedura; vertigem; suspensão; tumor; etica; reumatismo; ferida braba; gota; mal selvagem; assassinado; mo lestia cronica; velhice; quebrante; bobas; sarampo.

Para o negro livre:

- sobre parto; maleitas; diarréias; espasmos; raio; defluxo ; mordida de cobra; feridas cancrozas; morfeia; facada; debili dade; gota; defluxo asmático; tízica; estupor; assassinada ; dor de cabeça; tiro; de ter tirado dente; velhice; irizipella.

Para o negro escravo:

- gota, hidropzia; maligna; febre podre; mordida de cobra; pe-

luriz; erisipela; sobre parto; obstruíta (sic); tosse ferina; sarnas, entraz; dezastre; febre; febre escarlatina; febre amarela; tétano; comer-terra; vomitos; molestia interna; febre inflamatória; vomica; dezinteria de sangue; febre malígna; de fluxo; amenorhea; lombriga; encalhe; diarreia (sic); engasgado; escorbuto; colica; maleitas; tosse; sufocada; queda; queimadura; afogada; coices; úlceras, sarampo; assassinado; molestia incognita; apoplexia; gota; morfeia; parto; tumor; inflamação; feridas; grangrena; garrotilho; destempero; lepra; tiro; de repente; estupor; mal de lázaro; constipação; fogo selvagem; enforcado; raio; bicheiras; esquinência; velhice; sufocação; luxação; maxucada; dor de garganta; molestias; hernias; recolhida de parto; humores; ar; rotura nas verilhas; retenção de urinas; desgraça; suspensão; ruína no umbigo; paralizia; molestia brava; demente; obstrução; dores no peito; rotura; indigestão; froxo; duma pontada; molestia venerea; cancro; febre catarral; facada; molestia cronica; sezoens; molestia de barriga; digestão; ferida nas goelas; chaga no nariz; inthras; bobas; ar de estopor; dores de cabeça; reumatismo; chaga; bichas; inflamações de bofe; espasmo.

O relato dos viajantes expressa também a surpresa dos estrangeiros diante das diferenças das estações do ano e do regime das chuvas, interferindo no curso dos rios e na força da vegetação. O clima e as chuvas no verão, copiosas e violentas, causavam, muitas vezes, consequências desastrosas e faziam vítimas. É curioso notar que aparecem, também incluídas em "Acidentes, Envenenamentos e Violências", algumas mortes causadas por raio.

Um viajante europeu, descrevendo a intensidade do calor de verão, diz que quem queria fugir ao risco de uma insolação ou de coisas piores não ficasse muito tempo ao sol, com a cabeça descoberta. A terra aquecia de tal forma sob influência dos raios solares, que seu contato era insuportável.

tável, mesmo aos que tinham o hábito de andar descalços. (17)

Mas parece que, quanto ao clima, não era somente a intensidade do calor que trazia embaraços principalmente àqueles que vinham de fora do país, mas também as repentinas oscilações de temperatura, às vezes em prazos muito curtos.

Diante da precariedade da Medicina na época, o clima talvez, fosse também um fator de colaboração à incidência de algumas moléstias que comumente aparecem nos documentos pesquisados. É claro que numa ambiência propícia a morbidade, as crianças eram as mais vulneráveis, sendo vítimas constantes de moléstias, muitas vezes fatais. Thomaz Davatz já relatava que as doenças mais comuns eram: a febre mucosa e a hidropsia, além das diarréias, coceiras e erupções. (18)

Tal informação é comprovada para Franca, com 36,03% das "causas mortis" do total dos óbitos, ocasionados por doenças classificadas como infecciosas e parasitárias. (tabela 21). Esta categoria de doenças, como se sabe, engloba febres e diarréias. Ao que parece, teria ela dominado o maior número das causas da mortalidade tanto para São Paulo (19) como para Vila Rica (20) e também para Franca.

As epidemias fizeram muitas vítimas em Franca e a tipologia das mesmas tem uma correspondência com as que se alastraram em São Paulo: - a varíola, a lepra, a icterícia, e a escarlatina, embora em épocas diferentes. Enquanto para São Paulo, as epidemias se verificaram nos anos de 1768, 1780, e 1808, para Franca, os registros de óbito apontam-nas para os anos contidos entre 1820 e 1850, conforme o gráfico I: Febres.

Comparando, em números absolutos, os óbitos, os nascimentos e os casamentos, conforme o Gráfico V, nota-se uma predominância dos nascimentos, o que nos leva a pen

sar em sua interferência na demografia local, através de um aumento numérico da população, interferindo então na própria estrutura populacional.

Quando se fala em estrutura demográfica, é importante pensar-se na estrutura etária da população e na divisão por sexo.

Quanto à divisão e quantificação por faixa etária da população de Franca, nos foi possível verificá-la apenas para os anos em que se contou com os dados de população. Desta forma, construiu-se para cada segmento populacional uma pirâmide etária, com a subdivisão dos sexos e através dos números absolutos encontrados na tarefa da quantificação.

Comparando-se as quatro pirâmides etárias, e levando-se em consideração a escala de intervalos, seguida em cada uma, percebe-se a demarcação das idades contidas na faixa de 10|-20 para ambos os sexos. A seguir, a faixa mais consistente numericamente é a de 20|-30, marcada principalmente pelo negro cativo e branco. O feitiço das pirâmides, mais delgadas na base, onde são representadas as idades 0|-5 e 5|-10, e mais avantajadas nas faixa de 10|-20 e 20|-30, denunciam uma somatória de migrantes, o que realmente parece condizer com a realidade. Enquanto para os brancos, este fato pode ser explicado pelo fluxo migratório Mineiro, provocado pela decadência das minas, para o negro, explica-se pela mentalidade imediatista do senhor de escravos que, visando lucro rápido, preferia em sua compra, escravos na faixa etária produtiva, tanto de 10|-20 como de 20|-30.

Quanto aos sexos, apesar de nascerem e morrerem mais elementos do sexo masculino, quando se examina a população viva de modo geral, constata-se um equilíbrio entre os dois sexos, fato este, também explicado, possivelmente pelo acréscimo de migrantes.

Vista através da natalidade, a razão de

masculinidade encontrada para cada ano, apenas através dos dados concretos e em relação a 100, foi a seguinte:

1805	200,0
1806	153,8
.....	
1808	103,7
1809	106,25
1810	113,3
1811	96,7
1812	125,9
1813	131,6
1814	100,0
1815	109,8
1816	111,5
1817	127,3
1818	121,2
1819	103,6
1820	93,8
1821	89,2
1822	134,7
1823	135,2
1824	116,5
1825	94,1
1826	114,0
1827	67,7
1828	93,7
1829	96,7
1830	107,8
1831	93,3
1832	109,3
1833	86,0
1834	100,0
1835	101,5

1836	87,5
1837	113,4
1838	90,6
1839	112,2
1840	95,1
1841	96,0
1842	113,1
1843	75,2
1844	109,6
1845	120,0
1846	88,3
1847	85,2
1848	101,8
1849	108,1
1850	91,8

É curioso notar que, analisando os nascimentos entre a população como um todo, em termos de sua "razão de masculinidade", os dados vão demonstrar diversas quebras para todo o período estudado. Isto significa que em 17 anos, a razão de masculinidade apresentou-se baixa, quebrando a afirmativa de um equilíbrio, proposta por teorias demográficas. Para a realidade de Franca, há também uma correspondência a esta colocação, porém excetuando-se os anos que se seguem, nos quais os nascimentos femininos superaram os masculinos. Foram eles, com as respectivas taxas de masculinidade: 1811 com 96,7; 1820 com 93,8; 1821 com 89,2; 1825 com 94,1; 1827 com 67,7; 1828 com 93,7; 1829 com 96,7; 1831 com 93,3; 1833 com 86,0; 1836 com 87,5; 1838 com 90,6; 1843 com 75,2; 1846 com 88,3; 1847 com 85,2; 1850 com 91,8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- (1) Somente com a regulamentação feita pelo Código Civil Brasileiro: Lei nº 3071 de 1.1.1916, é que os registros civis passam a ter forma de lei e a serem reconhecidos pelo Estado. Maria Luiza Marcílio. op. cit. p.71

- (2) Maria Luiza Marcílio. op. cit. p.77

- (3) IBID.

- (4) O "Sertão do Rio Pardo Caminho dos Guayases".
Do Grando ao Pardo as terras começam a ganhar nome: Capela de Santa Rita do Paraíso, (Igarapava), Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca, Freguesia do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, (Batatais), Espírito Santo da Cana Verde, (Altinópolis); Capela do Cajuru, etc.
José Chiachiri Filho. op.cit.

- (5) A. Saint-Hilaire. Viagem a Província de São Paulo. p.114

- (6) Gilberto Freire. Casa Grande e Senzala: Formação da família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal.

- (7) José Chiachiri Filho. op.cit. p.8

- (8) IBID,

- (9) Iraci Del Nero Costa. op.cit. p.109

- (10)

- (11) Maria Luiza Marcílio. op.cit. p.162
- (12) IBID.
A autora coloca, citando Louis Henry, que as taxas de na
talidade para a Europa Ocidental dos séculos XVII e
XVIII são da ordem de 35 a 40 por 1000.
- (13) Pedro Ancântara e Eduardo Marcondes. Pediatria Básica.
p.22
- (14) IBID.
- (15) Hans Staden. Duas Viagens ao Brasil. p.191
- (16) Thomaz Davatz. Memórias de um colono no Brasil. p.65
- (17) IBID. p.43
- (18) IDEM.
- (19) Maria Luiza Marcílio. op. cit. p.176
- (20) Iraci Del Nero Costa. op.cit. p.118

CONCLUSÕES

O grande apogeu do ouro modificou a vida sócio-econômica do Brasil Colonial e emprestou às regiões mineradoras a característica de polo de atração a grandes contingentes populacionais.

Este contingente populacional, porém, à partir da crise aurífera, dispersou-se a procura de terras férteis e campos criatórios.

Foi assim que no final do século XVIII e início do século XIX, se processou uma grande modificação no Nordeste paulista. Até então, envolvia ele um povoamento acanhado e disperso, e por isso mesmo era chamado de "Sertão". Aos poucos, este termo perde sua validade, na medida em que fundavam-se arraiais e sedes das Freguesias. É nesse descor-tíneo que encontramos a Freguesia e mais tarde Vila Franca no desabrochar da décima nona centúria.

As acelerações e quedas sofridas na dinâmica populacional de Franca, provocadas pela migração mineira, são demonstradas através do estudo dos dois eventos demográficos: natalidade e mortalidade.

A falta de um quadro de referência teórico, específico para a realidade demográfica brasileira, bem como a escassez de pesquisas no âmbito da demografia histórica desse imenso país, comprometem e tornam precipitada qualquer interpretação generalizada ou alguma conclusão em grande escala.

É, porém, perfeitamente possível delinear-se, a partir desta pesquisa, um quadro geral da população francana de outrora. (1ª metade do século XIX).

Ressalte-se, antes de qualquer outro fa-

to, a peculiaridade da população brasileira que reside na existência de segmentos populacionais advindos da própria base de sua formação. Assim os escravos, os forros e os demais livres apareceram como corpos populacionais autônomos, mantendo comportamento próprio na dinâmica populacional.

O fluxo migratório mineiro provoca mudanças na estrutura populacional de Franca. Quando se caracterizava ainda como arraial, sabe-se que sua população era predominantemente parda. A imigração mineira, porém, faz com que em Franca passe a predominar a população branca. Foi então o elemento branco, com sua maioria, que determinou algumas tendências da população como um todo, daí a importância de se ter analisado cada segmento populacional em separado.

Os diferenciais da natalidade e mortalidade em Franca, na primeira metade do século XIX, mostram-se bem distantes um dos outros. O total geral de nascimentos, para os 50 anos estudados, englobando 10574 indivíduos, e o de mortes, com 3.580, já demonstra e comprova a afirmação acima referida. Além disso, o exame minucioso da natalidade e mortalidade havida para cada ano do período mostra com apenas uma exceção (1831), um número bem maior para os nascimentos. Os totais gerais para o período como um todo, referentes a cada segmento populacional também demonstram, com exceção do negro livre, uma diferença marcante com maiores totais absolutos para o nascimento:

Branco: nascimento 8116 - morte 2543

Negro escravo: nascimento 2050 -
morte 978

Negro livre: nascimento 54 - morte 59

Os altos diferenciais que separam a natalidade da mortalidade mostram-se como indicadores de uma população jovem, e de alta fertilidade.

Se, de um lado, cabe ao intenso fluxo migratório mineiro a responsabilidade de um aumento populacional, de outro, as demonstrações em dados brutos, de uma alta fecundidade, mostram que sua interferência também se fez presente na dinâmica populacional da Freguesia e Vila Franca, num período de meio século.

Os anos em que se registraram o maior número de nascimentos foram 1842 com 405 nascimentos; 1841, com 394; 1844, com 390; 1835, com 389; 1843, com 382; 1847, com 363; 1840, com 359 e 1839, com 346.

Para todos os anos estudados, a relevância numérica dos nascimentos, coube ao elemento branco, o que confirma a interferência da migração mineira na dinâmica populacional de Franca, no período estudado. Confirma também a não existência de concentrações de população escrava. Estas constatações foram reafirmadas também através dos dados de população, casamentos e mortalidade.

O nascimento, quanto ao sexo, deu-se prioritariamente para o masculino. Contou o mesmo com 5.313 nascimentos, enquanto o feminino contou com 5.261, marcando uma diferença de 52 indivíduos.

A elevada natalidade teve o importante papel de preencher os vazios causados pela mortalidade, que em sua grande maioria era provocada pelas doenças infecciosas e parasitárias. Esta tipologia de causa-mortis, merece destaque, porque entre 3580 mortes, 1290 tiveram-lhe como causa. Ceifando a vida de grande número de crianças, e principalmente nas idades de 0 a 1 ano, este tipo de morte tão comum na História de Franca evidencia condições precárias de higiene, saneamento, nutrição e assistência médica para a época.

Os anos que se mostraram com maior número de mortes foram: 1842, com 197; 1841, com 181; 1850, com

160; 1838 com 138; 1847, com 128; 1816, com 127; 1821, com 126; 1848, com 121; 1846, com 109; 1828; com 107; 1829, com 105; 1840 com 100.

Com relação à mortalidade por sexo, o mais abatido pela morte na França do século passado, em sua primeira metade, foi o masculino. Obteve-se uma soma de 470 mortes a mais que o sexo feminino. Assim morreram 2025 indivíduos do sexo masculino e 1555 do sexo feminino.

A mortalidade quanto à estrutura etária, apresentou-se em França, de acordo com os dados da população toda, da seguinte forma: de 0 a 1 ano com, 838 mortes; de 1 a 10, com 632; de 20 a 40, com 621; de 40 a 60, com 456; 60 a 90, com 374; 10 a 20, com 290; 90 a 100 com 42.

A paisagem geográfica da ambiência estudada foi considerada com características que, se de um lado, pelo clima ou regime de chuvas, por exemplo, criavam condições favoráveis à incidência de moléstias contagiosas, (através de seus campos que propiciavam a criação de gado, que revelou-se como a base econômica local juntamente com a agricultura), de outro, facilitavam a permanência do homem à terra. E isto principalmente atingia os contingentes populacionais que desencantados com o exaurir dos depósitos de minérios buscavam, ansiosos, a possibilidade de uma vida melhor.

A N E X O S : POPULAÇÃO

ANEXO 1

TABELA
POPULAÇÃO (Homens)
CONDIÇÃO SOCIAL E FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA \ CONDIÇÃO SOCIAL	BRANCO		PRETO CATIVO		PRETO LIVRE		PARDO CATIVO		PARDO LIVRE		SUB	TOTAL	TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
0 5	1.871	1.798	733	648	51	52	202	160	834	817	3.691	3.475	7.166
5 10	1.922	1.724	686	601	39	46	183	163	841	824	3.671	3.358	7.029
10 20	2.517	2.530	1.828	1.404	84	89	304	243	1.050	1.105	5.783	5.371	11.154
20 30	1.768	1.778	1.731	1.140	59	50	217	154	591	836	4.366	3.958	8.324
30 40	1.127	1.040	1.030	686	55	63	101	87	468	441	2.781	2.317	5.098
40 50	1.001	709	705	354	45	58	45	61	370	318	2.166	1.500	3.666
50 60	574	480	379	168	44	36	21	28	231	123	1.249	835	2.084
60 70	301	192	181	70	17	17	8	10	130	61	637	350	987
70 80	85	55	51	22	12	6	5	1	65	30	218	114	332
80 90	38	33	95	8	3	5	0	1	12	16	148	63	211
90 100	3	6	6	2	0	0	0	0	8	7	17	15	32
TOTAL	11.207	10.345	7.425	5.103	409	422	1.086	908	4.600	4.578			46.83

Fonte de dados: Maços de População - DAESP.

ANEXO 2

ANEXO 3

ANEXO 4

ANEXO 5

ANEXO 6

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

	Página
GRÁFICO I: Branco e Negro Escravo: Natalidade 1800-1850	36
GRÁFICO II: Negro Livre, Mulato: Livre e escravo: Natalidade 1800-1850	37
GRÁFICO III: Branco, Negro Escravo, Negro Livre: Febres - 1800-1850.....	69
GRÁFICO IV: Branco, Negro Escravo, Negro Livre: Mortalidade - 1800-1850	89
GRÁFICO V: Branco, Negro: Livre e Escravo: Natalidade, casamento e mortalidade 1800-1850	110
MAPA I: Compartimentação Topográfica da Região de Franca	14
MAPA II: Planalto de Franca. Habitat Rural	15
MAPA III: Estado de São Paulo: Caminhos antigos que partiam de S. Paulo	18
MAPA IV: Estudo Político	19
TABELA 1: Branco: Ano do nascimento e sexo:1800-1850..	34
TABELA 2: Negro-Livre: Ano do nascimento e sexo: 1800-1850	39
TABELA 3: Mulato Livre: Ano do nascimento e sexo: 1800-1850	41
TABELA 4: Negro-Escravo: Ano do nascimento e sexo: 1800-1850	43
TABELA 5: Mulato-Escravo: Ano do nascimento e sexo: 1800-1850	45

Página

TABELA 6:	Branco; Negro: Escravo e Livre; Mulato Escravo e Livre: Ano do nascimento e condição social: 1800-1850	50
TABELA 7:	População (referente a 17 anos): Condição social e sexo	51
TABELA 8:	Branco e Negro: Livre, Escravo; Mulato: Livre e Escravo. Ano do Nasci- mento e Condição social: 1800-1850	53
TABELA 9:	Branco: Faixa etária e ano da morte. 1800-1850	59
TABELA 10:	Branco: Faixa etária e sexo.1800-1850	61
TABELA 11:	Faixa etária e causa-mortis.1800-1850	66
TABELA 12:	Negro-Livre: Faixa etária e ano da morte. 1800-1850	72
TABELA 13:	Negro-Forro: Faixa etária e causa-mortis 1800-1850'	73
TABELA 14:	Negro-Livre: Sexo e faixa etária. 1800-1850	74
TABELA 15:	Escravo-negro: sexo e faixa etária. 1800-1850	78
TABELA 16:	Negro-escravo: Faixa etária e ano da morte 1800-1850	80
TABELA 17:	Negro escravo: Faixa etária e Causa-mortis. 1800-1850	82
TABELA 18:	Branco e Negros: Condição Social e faixa etária. 1800-1850	86
TABELA 19:	Branco, Negro Escravo, Negro Livre. Ano da morte e condições sociais	88
TABELA 20:	Branco e Negros: Condição social e sexo. 1800-1850	90
TABELA 21:	Branco, Negro Escravo, Negro Forro. Condição social e causa-mortis.1800-1850 .	94

Página

TABELA 22: População Total (17 anos) Condição social e faixa etária	106
TABELA 23: Branco e Negro Escravo e Forro. Casamentos. 1800-1850	108
ANEXO 1. População (17 anos) Condição social e faixa etária	143
ANEXO 2. População: Brancos (17 anos)	145
ANEXO 3. População: Pardos Livres (17 anos)	147
ANEXO 4. População: Pretos Livres (17 anos)	149
ANEXO 5. População: Pardos Cativos (17 anos)	151
ANEXO 6. População: Pretos Cativos (17 anos)	153

FONTES:

1. MANUSCRITOS

FRANCA - Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Franca.

- Livro de batismos. 1800 - 1850

Branco -

Negro livre -

Negro escravo -

- Livro de óbitos. 1800 - 1850

Branco -

Negro livre -

Negro escravo -

- Livro de casamentos. 1800 - 1850

Branco -

Negro livre -

Negro escravo -

Museu Histórico José Chiachiri

- Processos de dispensa de casamentos - diversas datas.

- Documentos diversos - Certidões de óbitos.

SÃO PAULO - Departamento do Arquivo do Estado de

São Paulo.

- População:

 Branco -

 Preto cativo -

 Preto livre -

 Pardo cativo -

 Pardo livre -

Latas nº: 47 - 1824 - 1848.

 11 - 1801 - 1809.

 119 - 1810 - 1814.

 120 - 1815 - 1818.

 121 - 1820 - 1824.

2. Impressos

SÃO PAULO - Departamento do Arquivo do Estado de
São Paulo

2.1. Relatórios imperiais

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1833 pelo ministro e secretário Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1833. (31 páginas).

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1834; pelo respectivo ministro e secretário de Estado, Antônio Pinto Chichorro da Gama. Rio de Janeiro, Typografia Nacional. 1834 (51 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1835, pelo respectivo ministro e secretário de Estado Joaquim Vieira da Silva e Sousa. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1835 (30 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1836, pelo respectivo ministro e secretário de Estado, José - Ignácio Borges. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1836. (44 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1837, pelo respectivo ministro e secretário de Estado Antônio Paulino Limpo de Alvêo. Rio de Janeiro. Typografia Nacional, 1837. (44 páginas).

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa ordinária de 1838, pelo respectivo ministro e secretário de Estado interino Bernardo Pereira de Vasconcellos. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1838. (59 páginas)

- Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1839, pelo ministro e secretário de Estado interino dos Negócios do Império. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1839. (50 páginas).

- Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1840, pelo ministro e secretário da justiça interino do Império, Francisco Ramiro d'Assis Coelho. Rio de Janeiro, Typografia Nacional. 1840. (70 páginas),

- Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa na sessão ordinária de 1841, pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, Cândido José de Araújo Vianna. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1841.

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, na 2ª. sessão da 5ª Legislatura, pelo respectivo ministro e secretário D'Estado, José da Silva Maia. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1843 (25 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, na 3ª. sessão da 5ª Legislatura, pelo respectivo ministro e secretário D'Estado, José Carlos Pereira de Almeida Torres. Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1844. (40 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, na 1ª. sessão da 6ª legislatura, pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, José Carlos Pereira de Almeida Torres. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1845. (32 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, na 2ª. sessão da 6ª Legislatura, pelo respectivo ministro e secretário D'Estado, José Carlos Pereira de Almeida Torres. Rio de Janeiro. Typografia Nacional. 1845. (30 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, pelo respectivo Ministro e Secretário de

Estado, Joaquim Marcelino de Brito. Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1846. (50 páginas).

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, pelo respectivo ministro e secretário D'Estado, Joaquim Marcelino de Brito, na 4ª sessão da 6ª Legislatura. Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1847. (90 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império, apresentado à Assembléa Geral Legislativa, na 1ª sessão da 7ª Legislatura, pelo respectivo ministro e secretário D'Estado, Visconde de Macahé. Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1848. (80 páginas)

- Relatório da Repartição dos Negócios do Império; apresentado à Assembléa Geral Legislativa, pelo respectivo Ministro e Secretário D'Estado, Visconde de Mont'Allegre. Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1850. (88 páginas).

2.2. Relatórios de Presidentes da Província do Estado de São Paulo

- Exposição com o Ex.mo Sr. Dr. Pedro Vicente' de Azevedo, passou a Administração da Província de São Paulo ao Ex.mo Sr. Dr. Barão' de Guajará, no dia 11 de abril de 1889. São Paulo: Typ. a vapor de Jorge Seckler & Comp. 1891.

- Mensagens apresentadas ao Congresso Legislativo de São Paulo, pelos presidentes do Estado e Vice-Presidentes em exercício, desde a proclamação da República até o ano de 1916.

São Paulo: Typ. do "Diário Official", 1816.

2.3. Legislação

Nº 417 - JUSTIÇA. Em 11 de setembro de 1869.

Firma a intelligencia do Aviso de 9 de Julho último à respeito das declarações que devem conter os atestados de óbito.

Nº 12 - De 28 de outubro de 1881

Organiza o Serviço Sanitário do Estado.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, Aziz Nacib. A região de Franca-Estudos de Geografia Aplicada. 1968.(inédito)
- ANTONIL, André João. Cultura e Opulência do Brasil. São Paulo. Editora Nacional, s.d.
- AISSAR, A. Glória. Um estudo da Mortalidade e da Mobilidade espacial: Os descendentes do negro e do branco estrangeiro no município de Rio Claro 1675-1930. Dissertação de Mestrado apresentada na U.S.P., 1976. (mimeografado)
- ALCANTARA, Pedro e MARCONDES, Eduardo. Pediatria Básica. São Paulo, Sarvier, 1968. 1º vol.
- BALAN, J. Un siglo de corrientes migratorias en el Brasil. 1973. (mimeografado)
- BERQUÓ, Elza. Aspectos biológicos da fertilidade. São Paulo, CEBRAP, caderno 3, 1971.
- BERQUÓ, Elza, MILANESE, M. Lucila, LAURENTI, Ruy. Estatística Vital. São Paulo, 1972. (mimeografado).
- BOXER, C.R. A Idade de Ouro no Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969. 2ª edição.
- CHIACHIRI FILHO, J. Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca. 1973.(inédito)
- COSTA, Emília Viotti da. Da Senzala à Colônia. São Paulo, Difusão Européia do Livro. s.d.
- COSTA, Iraci Del Nero. Vila Rica: População-(1719-1826). São Paulo, IPE-USP, 1979.
- DAVATZ, Thomaz. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo, Livraria Martins, 1941.

- ELLIS, Myriam. "A Mineração no Brasil no século XIX". O Brasil Monárquico, in História Geral da Civilização Brasileira. Tomo VI
- FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- FREITAS, Divaldo Gaspar de. As Misericórdias no Brasil, in Actas do IV Congresso das Misericórdias, I vol., p.286, Lisboa, 1959, edição da Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor.
- _____. Brasileiros, professores de Medicina em Coimbra. In Folia Anatômica Universitatis Conimbricensis, vol. XXVIII, nº 1, Coimbra, 1953.
- FLEURY, M. e HENRY, L. Nouveau Manuel de Dépouillement et d'Exploitation de l'État Civil Ancien. Paris, INED, 1965.
- HENRY, L. Anciennes Familles Genevoises. Études Démographiques, XVI^e XX^e siècles. Paris, Presses Universitaires de France, 1956.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1959.
- KIDDER, Daniel P. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil. São Paulo, Livraria Martins, 1943.
- LAURENTI, Ruy. A investigação interamericana de mortalidade na infância, em São Paulo. São Paulo, Rev. de Saúde Pública, v.3, 1969.
- _____. Alguns aspectos da mortalidade de crianças menores de 5 anos em três áreas brasileiras. Rio de Janeiro, XXV Reunião Anual da S.B.P.C., 1973.
- Manual de Classificação Estatística Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbitos. 8ª Conferência de Revisões, 1965.

- MARCÍLIO, Maria Luiza. Crescimento populacional da população brasileira até 1872. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Rio de Janeiro, 1974. (mimeografado)
-
- _____. A Cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850. São Paulo, Pioneira e Editora da USP, 1973.
-
- _____. Os Registros Eclesiásticos e a Demografia Histórica na América Latina. Comunicação apresentada na I Semana de História. Franca de 18 a 22 de junho de 1979. (mimeografado)
- MACHADO, J.T. Montalvão. Como nascem e morrem os portugueses. Lisboa, Tipografia Gomes & Rodrigues Limitada, s.d.
- MELLO, A. da Silva. A alimentação no Brasil-Problemas e Sugestões. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica "O Cruzeiro", 1946.
- "Métodos de Medición de la migración interna", Estudios de Población. Nueva York, Nações Unidas, 1972. Manuel VI, nº 47.
- MORAIS, Francisco de. Estudantes na Universidade de Coimbra. (1772-1872). Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1943.
- NOBREGA, Apolônio. "Dioceses e Bispos do Brasil". In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, janeiro-março, 1954.
- OLIVEIRA, Tarquínio J.B. de. As cartas chilenas, fontes textuais. Ed. Referência, São Paulo, 1972.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. História Geral da Medicina Brasileira. São Paulo, Hucitec. 1977.
-
- _____. Pequena História da Medicina Brasileira. São Paulo, Buriti, 1966.

SAINT-HILAIRE, A. Viagem à Província de São Paulo. São Paulo, Livraria Martins Editora.

SILVEIRA, M.H. & SOBOLO M.L. Sub-registro de nascimento. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP. (mimeografado), 1971.

STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia, 1974.

VIEIRA, Benedito Eufrásio Marcondes. Produção Agrária em Fran